

Semana 98 - Escatologia - 3

Texto: Apocalipse 15 a 22

Estação 50

Apocalipse 15

Versículos 1 a 8

1Vi no céu outro sinal, grande e maravilhoso: sete anjos com as sete últimas pragas, pois com elas se completa a ira de Deus.

2Vi algo semelhante a um mar de vidro misturado com fogo, e, em pé, junto ao mar, os que tinham vencido a besta, a sua imagem e o número do seu nome. Eles seguravam harpas que lhes haviam sido dadas por Deus,

3e cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro: "Grandes e maravilhosas são as tuas obras, Senhor Deus todo-poderoso. Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações.

4Quem não te temerá, ó Senhor? Quem não glorificará o teu nome? Pois tu somente és santo. Todas as nações virão à tua presença e te adorarão, pois os teus atos de justiça se tornaram manifestos".

5Depois disso olhei e vi que se abriu nos céus o santuário, o tabernáculo da aliança.

6Saíram do santuário os sete anjos com as sete pragas. Eles estavam vestidos de linho puro e resplandecente e tinham cinturões de ouro ao redor do peito.

7E um dos quatro seres vivos deu aos sete anjos sete taças de ouro cheias da ira de Deus, que vive para todo o sempre.

8O santuário ficou cheio da fumaça da glória de Deus e do seu poder, e ninguém podia entrar no santuário enquanto não se completassem as sete pragas dos sete anjos.

O capítulo 15 nos leva, então, aos sete flagelos finais do derramamento da ira de Deus. Ao invés de entrar diretamente nos mesmos, contudo, João presencia aqui uma espécie de cerimônia de abertura. Ele tem a visão dos mártires, que venceram a Besta pela sua fidelidade até à morte, em pé diante do trono entoando a Deus o cântico de Moisés e o cântico do Cordeiro (*Apocalipse 15:1-3*).

Aparentemente não se trata de dois cânticos, como pode parecer a princípio, mas de um só, cuja letra nos é fornecida. A referência, no caso, seria às pessoas que o entoam, quais sejam: os servos tanto do Velho como do Novo Testamento. O cântico em questão é de exaltação a Deus pelos Seus poderosos feitos e pelos Seus atos de justiça, que serão manifestos a todos.

Dando continuidade à cerimônia de abertura surgem sete anjos, com trajes resplandecentes de linho puro, a quem os quatro animais entregam sete taças de ouro cheias da cólera do Deus eterno. No instante em que os anjos recebem as taças e vão começar a entrar em ação João observa que o santuário celestial

se enche de fumaça, impedindo que alguém possa adentrá-lo antes que as sete taças sejam derramadas.

Sempre que o templo se enchia de fumaça no Velho Testamento (ver, por exemplo, *Êxodo 40.35*, *I Reis 8.10-11* e *Isaías 6.4*), tal fato estava associado à manifestação da glória de Deus. Desta feita, de igual maneira, o Nome do Senhor será glorificado pela manifestação de Sua soberania e Sua justiça.

Apocalipse 16

Versículos 1 a 21

1Então ouvi uma forte voz que vinha do santuário e dizia aos sete anjos: "Vão derramar sobre a terra as sete taças da ira de Deus".

2O primeiro anjo foi e derramou a sua taça pela terra, e abriram-se feridas malignas e dolorosas naqueles que tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem.

3O segundo anjo derramou a sua taça no mar, e este se transformou em sangue como de um morto, e morreu toda criatura que vivia no mar.

4O terceiro anjo derramou a sua taça nos rios e nas fontes, e eles se transformaram em sangue.

5Então ouvi o anjo que tem autoridade sobre as águas dizer: "Tu és justo, tu, o Santo, que és e que eras, porque julgaste estas coisas;

6pois eles derramaram o sangue dos teus santos e dos teus profetas, e tu lhes deste sangue para beber, como eles merecem".

7E ouvi o altar responder: "Sim, Senhor Deus todo-poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos".

8O quarto anjo derramou a sua taça no sol, e foi dado poder ao sol para queimar os homens com fogo.

9Estes foram queimados pelo forte calor e amaldiçoaram o nome de Deus, que tem domínio sobre estas pragas; contudo, recusaram arrepender-se e glorificá-lo.

10O quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, cujo reino ficou em trevas. De tanta agonia, os homens mordiam a própria língua

11e blasfemavam contra o Deus dos céus, por causa das suas dores e das suas feridas; contudo, recusaram arrepender-se das obras que haviam praticado.

12O sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates, e secaram-se as suas águas para que fosse preparado o caminho para os reis que vêm do Oriente.

13Então vi saírem da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs.

14São espíritos de demônios que realizam sinais milagrosos; eles vão aos reis de todo o mundo, a fim de reuni-los para a batalha do grande dia do Deus todo-poderoso.

15"Eis que venho como ladrão! Feliz aquele que permanece vigilante e conserva consigo as suas vestes, para que não ande nu e não seja vista a sua vergonha."

16Então os três espíritos os reuniram no lugar que, em hebraico, é chamado Armagedom.

17O sétimo anjo derramou a sua taça no ar, e do santuário saiu uma forte voz que vinha do trono, dizendo: "Está feito!"

18Houve, então, relâmpagos, vozes, trovões e um forte terremoto. Nunca havia ocorrido um terremoto tão forte como esse desde que o homem existe sobre a terra.

19A grande cidade foi dividida em três partes, e as cidades das nações se desmoronaram. Deus lembrou-se da grande Babilônia e lhe deu o cálice do vinho do furor da sua ira.

20Todas as ilhas fugiram, e as montanhas desapareceram.

21Caíram sobre os homens, vindas do céu, enormes pedras de granizo, de cerca de trinta e cinco quilos cada; eles blasfemaram contra Deus por causa do granizo, pois a praga fora terrível.

O Derramamento das Sete Taças da Ira de Deus

Tem início, então, o derramamento das sete taças da ira de Deus. Estas, como veremos, são mais intensas que os sete selos e as sete trombetas e são dirigidas, principalmente, ao reino da Besta, atingindo frontalmente os homens que optaram por servi-la.

A 1ª taça é derramada por toda a terra pelo 1º anjo, em obediência a uma voz não identificada vinda do santuário. Ela atinge somente os homens portadores da marca da Besta e os adoradores de sua imagem, afligindo-os com feridas, que o texto classifica como malignas e perniciosas (*Apocalipse 16.1-2*). A natureza desta praga parece semelhante à 6ª praga que foi derramada sobre os egípcios (*Êxodo 9.8-12*), fazendo com que os magos não pudessem permanecer diante de Moisés. Naquele caso não vemos Faraó pedindo a remoção desta praga, nem tampouco há informações no livro de Êxodo sobre mortes decorrentes da mesma. Aparentemente, portanto, as úlceras apenas torturaram os egípcios durante algum tempo, findo o qual as chagas foram vencidas, com a permissão de Deus, pelas próprias defesas do organismo. À luz do paralelo do Egito, e tendo em vista a ausência de qualquer referência a mortes decorrentes desta taça, podemos presumir que se trata de um sofrimento, cuja finalidade é alertar os aliados da Besta para o fato de que Deus reina e que Sua soberania se estende às suas vidas.

A idéia de alguns comentaristas apocalípticos de que se trata de feridas decorrentes de uma catástrofe atômica mundial, da qual seriam poupados os fiéis, parece não se encaixar na sequência dos eventos, visto que uma contaminação letal de todos os que servem à Besta, inclusive a própria, tornaria desnecessários os outros flagelos.

A 2ª taça é derramada sobre os mares, a exemplo do que acontecera por ocasião da 2ª trombeta, mas desta feita todas as águas se tornam em sangue e a totalidade dos peixes morre (*Apocalipse 16.3*), contrastando com a terça parte dos danos causados pela 2ª trombeta (*Apocalipse 8.8-9*). Trata-se de uma

catástrofe de proporções mundiais, que dá fim a um dos grandes celeiros da alimentação do povo deste planeta.

No Rio de Janeiro, os moradores das margens e proximidades da lagoa Rodrigo de Freitas não têm qualquer saudade da época em que ocorria, algumas vezes por ano, a obstrução da ligação da lagoa com o mar, fazendo com que morressem todos os peixes. O cheiro insuportável dos peixes em putrefação durava alguns dias, até que as autoridades sanitárias pudessem removê-los e as águas serem renovadas pela desobstrução do canal que dá acesso ao oceano Atlântico. Resguardadas as devidas proporções, talvez possamos ter uma vaga idéia do que representa a mortandade dos peixes residentes nas águas que cobrem 75% da face do nosso planeta! Os oceanos estarão mortos e os peixes apodrecerão, tornando insuportável o odor do ar em toda a Terra.

A 3ª taça também é derramada sobre as águas, só que desta vez a dos rios e das fontes, fazendo com que toda a água potável do planeta se converta, igualmente, em sangue (*Apocalipse 16.4*). O efeito correspondente sobre os peixes não é descrito no texto, mas consequências similares sobre a fauna dos rios são previsíveis.

Neste instante João tem sua atenção despertada pela voz de um ser que ele descreve como sendo o anjo das águas. Não cabe aqui especular sobre anjos tendo autoridade sobre áreas distintas da natureza; o mais provável é que se trate do mesmo anjo que derramou a sua taça sobre os rios e as fontes, sendo esta a forma de João de se referir a ele (*Apocalipse 16.5*). Este anjo irrompe num louvor motivado pelo juízo de Deus, que O qualifica como justo. Os servos da Besta haviam derramado o sangue dos santos e dos profetas, pelo que Deus agora lhes dá a beber o sangue resultante da taça de Sua ira. Ele ainda complementa, dizendo: “**Eles são dignos disso**” (*Apocalipse 16.5-6*).

À primeira vista podemos ter a impressão que o anjo está contente pela vingança sobre os adoradores da Besta, mas isso seria atribuir ao anjo sentimentos humanos. Quando nos lembramos da tamanha alegria que há no céu por um pecador que se arrepende (Lucas 15:7), compreendemos que não pode ser esse o caso. Tudo que podemos dizer é que o anjo reconhece que, não obstante o grande amor de Deus, chegou o momento de exercer juízo e que este é baseado em critérios justos.

Em resposta às palavras deste anjo João ouve, vindo do altar, outra expressão de louvor, que diz: “**Certamente, ó Deus Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os Teus juízos**” (*Apocalipse 16.7*), que nos faz lembrar, imediatamente, dos mártires que João vira por ocasião da abertura do 5º selo, perguntando quando viria o juízo (*Apocalipse 6.9-11*). Também estes estariam reconhecendo que Deus agira com justiça, aplicando agora o juízo depois de ter esperado longamente por arrependimento.

No 4º flagelo o anjo derrama a sua taça sobre o sol e João constata que o resultado disso são distúrbios que fazem com que este passe a queimar as pessoas (*Apocalipse 16.8*). Sabemos que a natureza funciona bem graças à

manutenção de Deus, **porque Ele faz com que o sol se levante sobre maus e bons e que a chuva desça sobre justos e injustos** (*Mateus 5.45*). No dia em que resolveu fazer chover granizo sobre os egípcios, enquanto o tempo permanecia bom na terra de Gósen (*Êxodo 9.22-26*), Ele o fez porque reina sobre a natureza. O resultado previsto para este flagelo é de igual natureza. Deus há de alterar a posição ou a temperatura do sol de modo a abrasar os homens, mas pelo cuidado dEle com os Seus, esse flagelo não há de ter efeito sobre os santos. O texto deixa claro que isto há de ficar patente aos olhos dos adoradores da Besta, mas não será motivo para Lhe darem glória. Pelo contrário, os seus corações estarão tão endurecidos, que ao invés disso vão blasfemar o Seu nome (*Apocalipse 16.9*).

O 5º flagelo diz respeito a uma taça derramada diretamente sobre o trono da Besta, de modo que o seu reino se torna em trevas, trazendo sobre os seus servos grande angústia que, aliada à dor das úlceras que estavam sentindo, faz com que mordam as línguas e blasfemem do Deus do céu (*Apocalipse 16.10-11*). Não está explícita aqui a forma como o reinado da Besta foi atingido, nem tampouco o que significa um reino virar trevas, mas está bastante claro que a situação desse reino se tornou desesperadora, trazendo insegurança aos seus súditos, que o achavam inexpugnável. O que mais impressiona, contudo, é que mesmo derrotados eles não se dispõem a reconhecer os seus erros e tornar para o Senhor Jesus Cristo. Antes preferem blasfemar do Deus do céu e continuar em seus pecados.

O 6º e penúltimo flagelo difere dos anteriores, pois não há qualquer grande catástrofe envolvida. O anjo derrama a sua taça sobre o rio Eufrates, fazendo com que o leito deste se torne seco (*Apocalipse 16.12*). Para melhor compreensão do que se passa aqui, é preciso entender que o rio Eufrates é o limite natural da Terra Prometida (*Gênesis 15.18*) e ao mesmo tempo se constituía num símbolo dos inimigos de Israel. Em *Isaías 8.7*, por exemplo, a invasão da Assíria pelas tropas de Senaqueribe é descrita como um transbordar do rio Eufrates. Assim sendo, o secar das águas do Eufrates corresponderia a abrir o caminho para as tropas invasoras do Oriente, exatamente como João o descreve. Curiosamente este flagelo parece se constituir em uma armadilha contra Israel, mas o que estamos assistindo, na realidade, é o preparo do “xeque-mate” para o Anticristo e seus exércitos. Neste mesmo contexto, vemos as tropas satânicas aceitando o desafio e concentrando forças para esse ataque. João assiste a um ajuntamento de demônios saídos de Satanás, da Besta e do falso profeta, sob forma de rãs, cuja missão é a de convencer os reis de toda a Terra a saírem com eles para a batalha do Grande Dia do Deus Todo-Poderoso (*Apocalipse 16.13-14*).

O Grande Dia do Deus Todo-Poderoso é mais um sinônimo para o Dia do Senhor, cuja ênfase aqui reside na certeza de Sua vitória sobre as tropas de Satanás. Trata-se do ponto para o qual convergem todos os atos de Deus, visando a redenção da humanidade. É o dia de consumação, tanto da salvação como do juízo.

O versículo seguinte aparece como uma espécie de inserção fora do contexto. De repente Jesus assume a palavra e diz que Sua vinda dar-se-á como o ladrão de noite e que bem-aventurado é aquele que for encontrado vigilante (*Apocalipse 16.15*). O que isso tem a ver com a batalha que está sendo descrita? Na realidade, tudo. O que Jesus está dizendo é que o contexto fica sem sentido se for dissociado do seu ponto mais importante, qual seja: a Sua vinda. O povo de Deus não é exortado a ficar de olho nas batalhas e, sim, na Sua vinda (*Mateus 24.42*). Estar preparado é comparado ao vestir de roupas alvas em todo o tempo, o que corresponde a ter um comportamento impecável sempre. Advertência similar já fora feita à igreja de Laodicéia (*Apocalipse 3.18*).

Na continuidade do contexto João vê a consumação da batalha num lugar chamado Armagedom, que significa colina de Megido, mas não entra em qualquer detalhe a respeito (*Apocalipse 16.16*). Também nós vamos deixar esta batalha para o item seguinte.

O último flagelo, onde somos informados que o anjo derrama a sua taça no ar, se faz acompanhar da mesma voz, não identificada, vinda do santuário, dizendo que está feito. Seguem relâmpagos, trovões e um gigantesco terremoto, o qual João nos informa ser o maior já presenciado pela humanidade, e só então nos é dito que o objeto deste flagelo era a destruição da grande Babilônia (*Apocalipse 16.17-19*). Um prenúncio desta destruição já fora feito no capítulo 14 e novamente é citado aqui como o objeto deste flagelo, mas maiores detalhes são fornecidos nos próximos dois itens.

O fato de João dizer que Deus se lembrou da grande Babilônia para dar-lhe do vinho do furor da Sua ira, não significa que Ele tivesse esquecido, enquanto seus santos sofriam martírio e os povos em geral bebiam da prostituição oferecida por aquela cidade. Significa, isso sim, que Ele reservara para o momento oportuno o seu castigo.

Com relação às outras nações que apoiaram a Besta, somos informados que Deus destruiu as suas cidades. Também neste caso maiores informações são fornecidas no item seguinte. A extensão desta destruição é atestada pelas ilhas e pelos montes que não mais foram achados (*Apocalipse 16.20*). Sobre a forma como ela se deu, João fala de chuvas de pesadas pedras, razão pela qual os homens novamente blasfemaram de Deus (*Apocalipse 16.21*).

Apocalipse 17

Versículos 1 a 18

1Um dos sete anjos que tinham as sete taças aproximou-se e me disse: "Venha, eu mostrarei a você o julgamento da grande prostituta que está sentada sobre muitas águas,

2com quem os reis da terra se prostituíram; os habitantes da terra se embriagaram com o vinho da sua prostituição".

3Então o anjo me levou no Espírito para um deserto. Ali vi uma mulher montada numa besta vermelha, que estava coberta de nomes blasfemos e que tinha sete cabeças e dez chifres.

4A mulher estava vestida de púrpura e vermelho e adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas. Segurava um cálice de ouro, cheio de coisas repugnantes e da impureza da sua prostituição.

5Em sua testa havia esta inscrição: MISTÉRIO: BABILÔNIA, A GRANDE; A MÃE DAS PROSTITUTASE DAS PRÁTICAS REPUGNANTES DA TERRA.

6Vi que a mulher estava embriagada com o sangue dos santos, o sangue das testemunhas de Jesus. Quando a vi, fiquei muito admirado.

7Então o anjo me disse: "Por que você está admirado? Eu explicarei o mistério dessa mulher e da besta sobre a qual ela está montada, que tem sete cabeças e dez chifres.

8A besta que você viu, era e já não é. Ela está para subir do Abismo e caminha para a perdição. Os habitantes da terra, cujos nomes não foram escritos no livro da vida desde a criação do mundo, ficarão admirados quando virem a besta, porque ela era, agora não é, e entretanto virá.

9"Aqui se requer mente sábia. As sete cabeças são sete colinas sobre as quais está sentada a mulher.

10São também sete reis. Cinco já caíram, um ainda existe, e o outro ainda não surgiu; mas, quando surgir, deverá permanecer durante pouco tempo.

11A besta que era, e agora não é, é o oitavo rei. É um dos sete, e caminha para a perdição.

12"Os dez chifres que você viu são dez reis que ainda não receberam reino, mas que por uma hora receberão, com a besta, autoridade como reis .

13Eles têm um único propósito e darão seu poder e sua autoridade à besta.

14Guerrearão contra o Cordeiro, mas o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; e vencerão com ele os seus chamados, escolhidos e fiéis".

15Então o anjo me disse: "As águas que você viu, onde está sentada a prostituta, são povos, multidões, nações e línguas.

16A besta e os dez chifres que você viu odiarão a prostituta. Eles a levarão à ruína e a deixarão nua, comerão a sua carne e a destruirão com fogo,

17pois Deus pôs no coração deles o desejo de realizar o propósito que ele tem, levando-os a concordar em dar à besta o poder que eles têm para reinar até que se cumpram as palavras de Deus.

18A mulher que você viu é a grande cidade que reina sobre os reis da terra".

A Destruição da Grande Babilônia

Os capítulos 17 a 20 mostram os eventos relativos à intervenção final de Deus na ordem mundial, a volta de Cristo, o período do milênio, o juízo final e o estabelecimento de novo céu e nova terra. Trata-se, portanto, de uma visão de vitória.

Já por duas vezes anteriores João havia mencionado a destruição da grande Babilônia, sem, contudo, entrar em maiores detalhes a respeito (*Apocalipse 14.8*

e 16.19). Agora, nos capítulos 17 e 18, o apóstolo se estende longamente sobre a identificação e a destruição desta cidade, respectivamente.

Um dos anjos que portava uma das sete taças se aproxima então de João e o convida para ver o julgamento da grande meretriz que se acha assentada sobre muitas águas, com a qual se haviam prostituído os reis e que havia embebedado, com sua devassidão, os habitantes da terra. Ele se viu, então, transportado em espírito para o deserto, onde viu uma mulher montada numa besta escarlate, com sete cabeças e dez chifres, repleta de nomes de blasfêmia. Esta mulher, ricamente trajada e tendo na mão um cálice de ouro cheio de suas abominações, tinha escrito na testa: "**Babilônia, a grande, a mãe das meretrizes e das abominações na Terra**". João, então, se admirou sobremaneira desta mulher estar embriagada por causa do sangue dos fiéis em Jesus (*Apocalipse 17.1-6*).

Se a intenção aqui é fornecer uma revelação, então, nós devemos poder entender quem é essa mulher e onde ela se encaixa no contexto da guerra entre o reino de Deus e as hostes satânicas. A figura da meretriz é utilizada na Bíblia associada à infidelidade do povo de Deus (*Isaías 1.21, Jeremias 3.1* etc.), mas é usada, também, para descrever a devassidão de cidades pagãs, como, por exemplo, Tiro (*Isaías 23.17*). Esta parece ser a aplicação neste caso.

Com relação ao nome da cidade, sabemos que a Babilônia histórica preenche bem a descrição que é feita, ou seja, trata-se de uma cidade construída sobre as águas, que vivia em opulência e devassidão, ao mesmo tempo em que seduzia os povos que conquistava. Obviamente, portanto, esse é o motivo pelo qual empresta o nome à Babilônia escatológica. O fato de estar embriagada com o sangue dos santos nos dá a idéia de que perseguiu a Igreja do Senhor.

Enquanto João estava admirado, provavelmente fazendo essas mesmas conjecturas, o anjo se dispôs a esclarecer não só o mistério da mulher, mas também o da Besta sobre a qual ela se encontrava assentada (*Apocalipse 17.7*). Trata-se, aqui, de identificar o relacionamento que existe entre a mulher e a Besta, bem como, tanto quanto possível, quem são. As informações que o anjo passa a dar inicialmente acerca da Besta, parecem ser coerentes com aquelas já fornecidas no capítulo 13. Ela teria as mesmas sete cabeças, sobre os quais carrega a mulher e dez chifres. Ele informa a João que a Besta, que ele viu, já foi, no momento não é, mas voltará a ser, pelo que será motivo de grande admiração por parte daqueles cujos nomes não se encontram escritos no Livro da Vida (*Apocalipse 17.8-9*). Vemos, portanto, que a ferida mortal da Besta em *Apocalipse 13.3* corresponde à cessação de existência temporária do reino desta, cuja segunda fase será curta, visto que caminhará rapidamente para a destruição quando for restaurado.

O anjo diz a João que as sete cabeças representam sete montes sobre os quais a mulher está assentada, mas que ao mesmo tempo são, também, sete reis. Isso faz com que muitos teólogos pensem logo em Roma, e mais especificamente na Igreja Romana como a mulher, visto que é uma cidade conhecida por ter sido edificada sobre sete colinas. Ao dizer, contudo, que as cabeças representam, também, sete reis, a interpretação óbvia, que faria do Império Romano a Besta,

apresenta dificuldades, visto que Roma teve onze imperadores (Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba, Oto, Vitélio, Vespasiano, Tito e Domiciano) e não sete. Além disso, João fala da cessação temporária de existência deste reino, do qual cinco reis já foram, o 6º existe e o 7º, que vai reinar por pouco tempo, ainda não chegou (*Apocalipse 17.10*). O 8º, que é a Besta e procede dos sete (*Apocalipse 17.11*), viria, então, após o período de cessação do reino. Não obstante muitas tentativas, não foi fornecida uma explicação razoável que associe os sete reis aos imperadores de Roma.

Tem sido sugerido, como alternativa, que os sete reis sejam, na realidade, uma referência aos mandatários de sete reinos, dos quais Roma seria apenas um. Neste caso, contudo, Roma não seria o 1º, mas o 6º reino. Assim sendo, as colinas seriam aplicáveis apenas à mulher, a grande Babilônia, na figura de Roma que, eventualmente, poderia ser o Vaticano, como querem alguns autores.

Ao longo desta linha de raciocínio, apresentado, por exemplo, por Kampen (/81/, pág. 106-110), os seis primeiros reinos em apreço seriam aqueles que perseguiram a nação de Israel, quais sejam: o Egito, a Assíria, a Caldéia, a Média e Pérsia, a Grécia e o Império Romano. A partir da queda do Império Romano os judeus foram severamente perseguidos por Filipe da Espanha e, de forma desumana, pelo IIIº Reich de Hitler. O critério usado por Kampen (/81/, pág. 115) para a escolha de Hitler foi o fato de todos os reinos anteriores serem descendentes de Jafé, assim como os alemães, mas não os espanhóis. Assim sendo, Kampen (/81/, pág. 117) sugere que o III Reich, ou algo semelhante, ressurgirá de alguma forma. Trata-se de uma ideia interessante, mas não de uma verdade inquestionável.

João nos fornece, em *Apocalipse 17.12-13*, mais uma informação, à qual podemos estar atentos. Ele fala de dez reis que ainda não são, mas que hão de receber poder por um curto período, por ocasião do reino da Besta, e que delegarão seu próprio poder a esta, à qual serão totalmente devotos. Estes versículos têm feito com que muitos autores modernos voltem os seus olhos para o Mercado Comum Europeu, esperando identificar dentre aquelas nações uma que reine sobre as demais (de acordo com Kampen /81/, esta seria a Alemanha), mas o erro de tantos comentaristas apocalípticos do passado, que interpretaram erroneamente as profecias para eventos de seus dias, nos devem servir de alerta em relação a precipitações neste sentido. Se 10 é um número literal ou simbólico não sabemos, mas com certeza temos apenas mais uma dica: outros reinos delegarão o seu poder ao reinado da Besta. O que passa disso, por enquanto, é especulação.

A narração do conflito, que culmina com a vitória do Cordeiro sobre a Besta e seus aliados, só é feita em *Apocalipse 19.17-21*, mas já vemos aqui em *Apocalipse 17.14* uma alusão a esta batalha, na qual serão vencedores também os eleitos e fiéis que O acompanham. João não se furta a dizer que esta vitória já está implícita porque: "***Ele é Rei dos reis e Senhor dos senhores***". Aleluia!

Até aqui o anjo só falou a João a respeito da Besta, mas no texto de *Apocalipse 17.15-18* ele fala sobre a mulher e o método que Deus há de usar para condená-la. O primeiro e último versículos deste texto são destinados à identificação da senhora mencionada acima, ao passo que os outros dois falam efetivamente de condenação. A mulher é identificada como uma grande cidade que domina sobre os reis da terra. O anjo enfatiza isso dizendo que as águas sobre as quais ela se assentava na visão de João eram, na realidade, povos, multidões, nações e línguas. Alguns autores veem esta cidade como a capital do reino da Besta, mas não encontramos um versículo que sugira isso. Os versículos 16 e 17 parecem sugerir, isso sim, que a Besta, antiga aliada da meretriz, comece a odiá-la, por algum motivo não explicitado, e que consiga persuadir os seus aliados a lhe dar apoio, fazendo com que rompam seus laços com ela, odiando-a e destruindo-a, transferindo à Besta todo o seu poder. Esta intriga, que nos lembra algumas batalhas ganhas no Velho Testamento pelas divergências internas, suscitadas por Deus, nos flancos inimigos (*II Crônicas 20.23*), é claramente atribuída aqui ao trono do Deus Altíssimo.

Apocalipse 18

Versículos 1 a 24

1Depois disso vi outro anjo que descia dos céus. Tinha grande autoridade, e a terra foi iluminada por seu esplendor.

2E ele bradou com voz poderosa: "Caiu! Caiu a grande Babilônia! Ela se tornou habitação de demônios e antro de todo espírito imundo, antro de toda ave impura e detestável,

3pois todas as nações beberam do vinho da fúria da sua prostituição. Os reis da terra se prostituíram com ela; à custa do seu luxo excessivo os negociantes da terra se enriqueceram".

4Então ouvi outra voz dos céus que dizia: "Saíam dela, vocês, povo meu, para que vocês não participem dos seus pecados, para que as pragas que vão cair sobre ela não os atinjam!

5Pois os pecados da Babilônia acumularam-se até o céu, e Deus se lembrou dos seus crimes.

6Retribuam-lhe na mesma moeda; paguem-lhe em dobro pelo que fez; misturem para ela uma porção dupla no seu próprio cálice.

7Façam-lhe sofrer tanto tormento e tanta aflição como a glória e o luxo a que ela se entregou. Em seu coração ela se vangloriava: 'Estou sentada como rainha; não sou viúva e jamais terei tristeza'.

8Por isso num só dia as suas pragas a alcançarão: morte, tristeza e fome; e o fogo a consumirá, pois poderoso é o Senhor Deus que a julga.

9"Quando os reis da terra, que se prostituíram com ela e participaram do seu luxo, virem a fumaça do seu incêndio, chorarão e se lamentarão por ela.

10Amedrontados por causa do tormento dela, ficarão de longe e gritarão: " 'Ai! A grande cidade! Babilônia, cidade poderosa! Em apenas uma hora chegou a sua condenação!'

11"Os negociantes da terra chorarão e se lamentarão por causa dela, porque ninguém mais compra a sua mercadoria:

12artigos como ouro, prata, pedras preciosas e pérolas; linho fino, púrpura, seda e tecido vermelho; todo tipo de madeira de cedro e peças de marfim, madeira preciosa, bronze, ferro e mármore;

13canela e outras especiarias, incenso, mirra e perfumes; vinho e azeite de oliva, farinha fina e trigo; bois e ovelhas, cavalos e carruagens, e corpos e almas de seres humanos.

14"Eles dirão: 'Foram-se as frutas que tanto lhe apeteciam! Todas as suas riquezas e todo o seu esplendor se desvaneceram; nunca mais serão recuperados'.

15Os negociantes dessas coisas, que enriqueceram à custa dela, ficarão de longe, amedrontados com o tormento dela, e chorarão e se lamentarão,

16gritando:

" 'Ai! A grande cidade, vestida de linho fino, de roupas de púrpura e vestes vermelhas, adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas!

17Em apenas uma hora, tamanha riqueza foi arruinada!" "Todos os pilotos, todos os passageiros e marinheiros dos navios e todos os que ganham a vida no mar ficarão de longe.

18Ao verem a fumaça do incêndio dela, exclamarão: 'Que outra cidade jamais se igualou a esta grande cidade?'

19Lançarão pó sobre a cabeça e, lamentando-se e chorando, gritarão: " 'Ai! A grande cidade! Graças à sua riqueza, nela prosperaram todos os que tinham navios no mar! Em apenas uma hora ela ficou em ruínas!

20Celebrem o que se deu com ela, ó céus! Celebrem, ó santos, apóstolos e profetas!

Deus a julgou, retribuindo-lhe o que ela fez a vocês ' ".

21Então um anjo poderoso levantou uma pedra do tamanho de uma grande pedra de moinho, lançou-a ao mar e disse: "Com igual violência será lançada por terra a grande cidade de Babilônia, para nunca mais ser encontrada.

22Nunca mais se ouvirá em seu meio o som dos harpistas, dos músicos, dos flautistas e dos tocadores de trombeta. Nunca mais se achará dentro de seus muros artífice algum, de qualquer profissão. Nunca mais se ouvirá em seu meio o ruído das pedras de moinho.

23Nunca mais brilhará dentro de seus muros a luz da candeia. Nunca mais se ouvirá ali a voz do noivo e da noiva. Seus mercadores eram os grandes do mundo. Todas as nações foram seduzidas por suas feitiçarias.

24Nela foi encontrado sangue de profetas e de santos, e de todos os que foram assassinados na terra".

O capítulo 18 é dedicado à queda da Babilônia escatológica, cuja narração é feita por um anjo de grande poder que João vê descer do céu e que ilumina toda a terra com a sua glória (*Apocalipse 18.1*). Ele exclama com potente voz, dizendo que já caiu a grande Babilônia e que se tornou morada de demônios como consequência do seu pecado de ter corrompido todas as nações da terra com o vinho do furor de sua prostituição (*Apocalipse 18.2-3*). Está implícita aqui a disseminação indiscriminada de um padrão moral baixo, visando tão somente

auferir lucros. Essa descrição nos lembra imediatamente a nossa sociedade de consumo atual, que é capaz de usufruir de qualquer coisa que produza lucro ao mesmo tempo em que consome qualquer coisa que seja moda. Isso tem feito com que alguns autores olhem para os Estados Unidos, sabidamente a nação mais consumista do globo terrestre, como candidato mais forte ao cargo de grande meretriz (/82/, pág. 17). Mais uma vez, contudo, devemos alertar para o perigo de conclusões desta natureza, principalmente porque a prostituição aqui é, antes, espiritual.

Em *Apocalipse 18.4*, uma voz vinda do céu passa a alertar o povo de Deus para que saia de Babilônia, para: 1) não vir a ser cúmplice de seus pecados; 2) não acabar por sofrer os flagelos a ela destinados. No mundo em que vivemos essa advertência continua aplicável a todos os crentes. Vivemos num meio corrompido pelo pecado, onde os valores são completamente errados. O risco que corremos de nos acostarmos ao erro, passando a encará-lo como normal, é muito grande. Temos visto o mundo entrando nas congregações, que representam o Senhor Jesus Cristo, exatamente porque os crentes não têm a preocupação de guardar distância em relação ao pecado.

Jesus, em Sua oração sacerdotal, pediu ao Pai, não que os tirasse do mundo, mas que os livrasse do mal (*João 17.15*). Na continuidade deste texto Ele lembra que não somos do mundo, tanto quanto Ele não o é; portanto, urge que sejamos santificados, ou seja, separados pela Palavra. O crente que tem comunhão com Deus, através do estudo da Bíblia, automaticamente é separado do pecado pela unção do Espírito Santo, na medida em que coloca em prática os ensinamentos ali recebidos. A opção de sair de Babilônia está ao alcance de cada um de nós. Devemos ter em mente, que sem santificação ninguém verá a Deus (*Hebreus 12.14b*)! Assim sendo, a alternativa de não nos separarmos de Babilônia reside em sofrermos o castigo a ela destinado.

Este texto contém uma informação importante, que diz respeito à Igreja. Sabemos que no período da Grande Tribulação haverá acirrada e ostensiva perseguição àqueles que se recusarem a receber o sinal da Besta. Sabemos, ainda, que muitos serão mortos, mas este texto deixa claro que este extermínio não será total. Essa é a mesma impressão que tiramos do discurso de Jesus, onde Ele diz: “**Não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém se salvaria, mas por causa dos escolhidos tais dias serão abreviados**” (*Mateus 24.22*). Obviamente está implícito aqui que, segundo as visões pré e meso-tribulacionistas, Igreja se refere apenas aos convertidos após o arrebatamento.

Em *Apocalipse 18.5-8* a voz do céu, citada acima, relembra o pecado da meretriz e decreta o seu castigo. Em princípio o fato dela receber em dobro todo o mal que causou a outros parece uma espécie de vingança, mas devemos lembrar que se trata apenas do cumprimento da justiça divina. Esta no Velho Testamento às vezes exigia o pagamento em dobro (*Jeremias 16.18 e 17.18*) e, em outras ocasiões, até quadruplicada e quintuplicadamente (*Êxodo 22.1*). A autoexaltação e a vida de luxúria da mulher estavam sendo castigados com tormento e pranto.

Sobre a grande Babilônia viriam flagelos de morte, pranto e fome, com a cidade sendo consumida pelo fogo em um só dia.

O texto de *Apocalipse 18.9-19* traz o lamento dos diversos segmentos de pessoas que usufruíam da luxúria e dos ganhos resultantes do comércio com a grande Babilônia e que se encontram agora frustradas, não pela perda da cidade, mas pelo seu próprio prejuízo.

Os versículos 9 e 10 trazem o lamento dos reis da terra, que se mantêm à distância por medo de serem envolvidos no castigo, e que estão assombrados com o juízo repentino e rápido. Já nos versículos de 11 a 16 o choro é apresentado pelos mercadores, que choram, contudo, por tamanha perda de bens e porque já não há mais quem compre os seus produtos. A lista dos produtos apresentada nos versículos 12 e 13 lembra bastante aquela apresentada por ocasião da queda de Tiro (*Ezequiel 27.5-24*). Finalmente, os versículos 17 a 19 trazem o lamento do pessoal da Marinha Mercante, que enriqueceu transportando os produtos de Babilônia, e agora não terá mais carga para os seus navios.

Em contrapartida a voz do céu exorta santos, apóstolos e profetas a exultarem porque a sua causa, o clamor devido à perseguição que vinham sofrendo pela meretriz, foi julgada. A exultação, mais uma vez, se dá não pelo espírito de vingança, mas porque a justiça de Deus está triunfando sobre o poder satânico reinante no mundo.

Quando Jeremias acabou de escrever as suas profecias contra a Babilônia histórica, ele chamou a Seraías, descendente do rei Zedequias, que estava sendo levado cativo, e deu a ele uma cópia dessa profecia, mandando que, em ali chegando, ele a lesse em voz alta, findo o que deveria atá-la com uma pedra e lançá-la no rio Eufrates como sinal. Ele, então, pronunciaria as seguintes palavras: “Assim será afundada Babilônia e não se levantará, por causa do mal que hei de trazer sobre ela, e os seus moradores sucumbirão” (*Jeremias 51.60-64*). A narração de João em *Apocalipse 18.21-24* mostra um evento similar presenciado por ele com relação à Babilônia escatológica. Ele viu quando um anjo forte levantou uma pedra de moinho e a jogou no mar, dizendo: “Assim será arrojada Babilônia, a grande cidade, e nunca mais será achada”. Nos versículos 22 e 23 ele continua falando das atividades normais, que não mais ocorrerão na cidade porque ela estará deserta, quais sejam: o tocar de instrumentos, a obra dos artífices, o barulho do moinho, o brilhar das candeias à noite e a alegria dos noivos, tudo por causa da ganância dos mercadores e pela feitiçaria que seduziu as nações.

Encerrando a narração da destruição da grande Babilônia, João lembra que nela foi achado o sangue ali derramado dos profetas e dos santos, cujo clamor certamente chegara aos céus.

Conforme dito acima, e ao contrário do que ocorre em relação à Besta, a maioria dos autores evangélicos tende a identificar o Vaticano como a Grande Babilônia ou a mulher que monta a Besta. Dave Hunt /83/ apresenta um dos arrazoados

mais completos em defesa dessa idéia, cujos principais argumentos são resumidos abaixo:

- o governo católico do Vaticano (Roma) se assenta sobre muitas águas (*Apocalipse 17:1*), ou seja, domina sobre mais de um bilhão de pessoas (povos, multidões, nações e línguas, conforme indicado em *Apocalipse 17.5*);
- Roma representa a continuidade da corrupção da Igreja iniciada por Constantino em 313, após sujeitá-la a si mesmo e não mais a Cristo. Dessa união de Igreja e Estado resultou a fornicação espiritual de Roma com os reis da Terra (*Apocalipse 17.2a*);
- Roma tem levado milhões de pessoas ao inferno por enganá-las (fornicação espiritual) quanto à sua salvação. Tem pregado a seus membros um evangelho corrompido que nada tem a ver com o de Jesus Cristo (*Apocalipse 17.2b*);
- Roma sempre se interessou pelo poder político como forma de aumentar seus ganhos. O ápice desse poder se deu com Inocêncio III, que foi papa entre 1198 e 1216. A seguinte declaração dele mostra claramente o seu conceito em relação ao seu poder secular (/83/, pág. 54): “Assim como a lua recebe luz do sol ... também o poder real [entenda-se os reis] deriva da autoridade pontifícia, o esplendor da sua dignidade ... O estado do mundo ... será restaurado por nossa diligência e cuidado ... pois a autoridade pontifícia e o poder real são suficientes para tal propósito”.

É claro que essa posição de Inocêncio III não guarda a mais remota relação com a de Jesus, que disse a Pilatos que “**Seu Reino não era desse mundo**” (*João 18.36*). O declínio do Papado começou gradativo depois de Inocêncio III, mas se acentuou com a Revolução Francesa e chegou a um mínimo por volta de 1870, quando Pio IX perdeu todos os Estados Papais para o reino da Itália. A Itália ofereceu à Igreja Romana reinar apenas sobre o Vaticano, o que foi inicialmente recusado, mas acabou sendo aceito por Pio XI em 1929, na concordata que assinou com Mussolini. A partir desse ponto a Igreja Romana, vendo não ter mais acesso ao poder da forma como o buscara antes, mudou de estratégia e passou a fazer alianças com os governos que desejava influenciar. Esse foi o caso da concordata com o governo fascista de Mussolini e, com muito mais ênfase, na concordata de 1930 com o III Reich de Hitler, onde a Igreja apoiou o extermínio de seis milhões de judeus e patrocinou a fuga de centenas de nazistas depois que foram derrotados. A mesma tática será usada para influenciar o governo do Anticristo (a mulher montará a Besta), conforme previsto em *Apocalipse 17.3*. O Anticristo, por outro lado, se deixará orientar enquanto isso lhe for conveniente.

- as vestimentas ricamente adornadas, em cores púrpura e escarlate, utilizadas por papas e cardeais, se adequam bem à descrição que João dá em *Apocalipse 17.4a*;
- o enriquecimento do Vaticano é descrito em *Apocalipse 17.4b* através da taça de ouro cheia de abominações e fornicação. A venda de indulgências e tantas outras abominações levaram não apenas ao acúmulo de relíquias de valor

inestimável, mas uma vasta gama de propriedades espalhadas pelo mundo, bem como indústrias diversas e participação acionária em Wall Street e em outras bolsas de valores. A perda repentina de toda essa riqueza será motivo de lamento daqueles que dela se beneficiaram (*Apocalipse 18.9-19*);

- a mulher tinha na testa uma escrita, dizendo: “**Mistério, Babilônia a Grande, a Mãe das Meretrizes e Abominações da Terra**” (*Apocalipse 17.5*). Roma representa, segundo Hunt, um sistema religioso mundial que afirma ser cristão, mas tem suas raízes no paganismo babilônico, que teve início em Babel. Esse é o mistério citado por João. É chamada de meretriz porque adulterou espiritualmente com os reis da Terra. A história papal é uma longa sequência de pessoas perversas, genocidas, fornicadores, ladrões, fomentadores de guerras etc.;
- ela se embriagou com o sangue de muitos mártires, que morreram por ousar discordar da religião corrompida por interesses papais escusos (*Apocalipse 17.6a*). As cruzadas que exterminaram os albigenses e os valdenses, bem como os mortos pela Anti-Reforma são apenas alguns exemplos;
- o provável motivo da admiração de João (*Apocalipse 17.6b*) residia no fato dele reconhecer naquela meretriz a noiva que ele tanto trabalhara por edificar;
- Roma é a única cidade edificada sobre sete montes e que preenche todos os demais requisitos (*Apocalipse 17.9*);
- o fato dela ter reinado sobre os reis da Terra já foi abordado acima.

Certamente Hunt /83/ apresenta excelentes argumentos que podemos considerar, mas sua veracidade terá que esperar para ser confirmada ou não.

Apocalipse 19

Versículos 1 a 21

1Depois disso ouvi nos céus algo semelhante à voz de uma grande multidão, que exclamava: "Aleluia! A salvação, a glória e o poder pertencem ao nosso Deus,

2pois verdadeiros e justos são os seus juízos. Ele condenou a grande prostituta que corrompia a terra com a sua prostituição. Ele cobrou dela o sangue dos seus servos".

3E mais uma vez a multidão exclamou: "Aleluia! A fumaça que dela vem, sobe para todo o sempre".

4Os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes prostraram-se e adoraram a Deus, que estava assentado no trono, e exclamaram: "Amém, Aleluia!"

5Então veio do trono uma voz, conclamando: "Louvem o nosso Deus, todos vocês, seus servos, vocês que o temem, tanto pequenos como grandes!"

6Então ouvi algo semelhante ao som de uma grande multidão, como o estrondo de muitas águas e fortes trovões, que bradava: "Aleluia!, pois reina o Senhor, o nosso Deus, o Todo-poderoso.

7Regozijemo-nos! Vamos alegrar-nos e dar-lhe glória! Pois chegou a hora do casamento do Cordeiro, e a sua noiva já se aprontou.

8Para vestir-se, foi-lhe dado linho fino, brilhante e puro". O linho fino são os atos justos dos santos.

9E o anjo me disse: "Escreva: Felizes os convidados para o banquete do casamento do Cordeiro!" E acrescentou: "Estas são as palavras verdadeiras de Deus".

10Então caí aos seus pés para adorá-lo, mas ele me disse: "Não faça isso! Sou servo como você e como os seus irmãos que se mantêm fiéis ao testemunho de Jesus. Adore a Deus! O testemunho de Jesus é o espírito de profecia".

11Vi os céus abertos e diante de mim um cavalo branco, cujo cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro. Ele julga e guerreia com justiça.

12Seus olhos são como chamas de fogo, e em sua cabeça há muitas coroas e um nome que só ele conhece, e ninguém mais.

13Está vestido com um manto tingido de sangue, e o seu nome é Palavra de Deus.

14Os exércitos dos céus o seguiam, vestidos de linho fino, branco e puro, e montados em cavalos brancos.

15De sua boca sai uma espada afiada, com a qual ferirá as nações. "Ele as governará com cetro de ferro." Ele pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus todo-poderoso.

16Em seu manto e em sua coxa está escrito este nome: REI DOS REISE SENHOR DOS SENHORES.

17Vi um anjo que estava em pé no sol e que clamava em alta voz a todas as aves que voavam pelo meio do céu: "Venham, reúnam-se para o grande banquete de Deus,

18para comerem carne de reis, generais e poderosos, carne de cavalos e seus cavaleiros, carne de todos - livres e escravos, pequenos e grandes".

19Então vi a besta, os reis da terra e os seus exércitos reunidos para guerrearem contra aquele que está montado no cavalo e contra o seu exército.

20Mas a besta foi presa, e com ela o falso profeta que havia realizado os sinais milagrosos em nome dela, com os quais ele havia enganado os que receberam a marca da besta e adoraram a imagem dela. Os dois foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre.

21Os demais foram mortos com a espada que saía da boca daquele que está montado no cavalo. E todas as aves se fartaram com a carne deles.

No início do capítulo 19 o cenário muda para o céu, mas o assunto é o mesmo. Há júbilo ali pelo juízo justo de Deus sobre a meretriz, que corrompia a terra com a sua prostituição. O canto de louvor ressalta que a salvação, a glória e o poder são do nosso Deus (*Apocalipse 19.1-2*).

Curiosamente a palavra "aleluia", que significa "Deus seja louvado!" e aparece inúmeras vezes nos salmos, não havia sido usada uma única vez ao longo de todo o Novo Testamento, mas consta aqui 4 vezes em 6 versículos. Em *Apocalipse 19.3* é usada para o louvor de Deus pela destruição de Babilônia, cuja fumaça sobe em memorial pelos séculos dos séculos.

As Bodas do Cordeiro

Neste instante João vê os anciãos e os quatro seres viventes aderindo ao canto e, aparentemente, um deles conclamando todos a se unirem no canto de louvor ao Pai. Esta conclamação tem resposta imediata de uma multidão, cujo canto, mais uma vez, começa com “Aleluia!”, mas que introduz um assunto novo: as bodas do Cordeiro (*Apocalipse 19.4-7*).

O canto nos diz que são chegadas as bodas do Cordeiro e que a noiva já se ataviou, pois lhe foram dadas, para vestir, roupas de linho finíssimo, resplandecente e puro. O linho finíssimo, segundo o texto bíblico, corresponde aos atos de justiça dos santos (*Apocalipse 19:7-8*). A figura do casamento para representar o relacionamento entre Deus e o Seu povo permeia toda a Bíblia, mas no Novo Testamento este casamento é apresentado como um noivado a se consumir na 2ª vinda de nosso Senhor Jesus Cristo (*I Coríntios 6.17, II Coríntios 11.2 e Efésios 5.23-32*). Como Cristo está voltando na visão de João (a volta se dá a partir do versículo 11), os céus já estão anunciando as bodas.

É importante ressaltar que neste contexto é a noiva, ou seja, a Igreja, que se veste, mas as roupas, de linho finíssimo, lhe são dadas. Para que não fiquemos nos perguntando que roupas são essas, João já se adiantou e disse que elas são as que correspondem aos nossos atos de justiça. Bem sabemos que não temos atos de justiça próprios, mas, uma vez salvos, podemos praticar atos que agradam a Deus, desde que sejam aqueles que Ele de antemão preparou para que neles andássemos (*Efésios 2.10*). A avaliação desses atos se deu no juízo de Cristo (Bema), conforme já indicado no capítulo 8.

Logo a seguir um anjo se dirige a João e lhe diz que bem-aventurados são aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro (*Apocalipse 19.9*). Há uma aparente confusão aqui porque se Cristo é o noivo e a Igreja a noiva, quem seriam os convidados e porque seriam bem-aventurados. Tudo indica que os convidados, no caso, são aqueles que aceitam o convite e se juntam à noiva, ou seja, são, na realidade, a própria noiva, que obviamente é bem-aventurada porque vai herdar o reino dos céus.

Isso pode parecer estranho, mas não seria a primeira vez na Bíblia que tal associação é feita. Na parábola das bodas, registrada em *Mateus 22.1-14*, o rei (que representa Deus), manda celebrar bodas para o seu filho (Jesus, no caso) e os convidados (os judeus) se desculparam e não aceitam. O rei, irado, manda convidar, então, aqueles que lhe são estranhos (a Igreja). Nesta parábola nem há menção da noiva. Outro exemplo é a parábola das 10 virgens, fornecida em *Mateus 25.1-13*. As virgens prudentes, no caso, são as convidadas que representam a igreja vigilante, enquanto mais uma vez a noiva é omitida.

João deve ter confundido a glória desse anjo com a do Senhor Jesus, pois em seguida nós o vemos prostrando-se a seus pés para adorá-lo (*Apocalipse 19.10*). Ele certamente estava ciente do problema de culto a anjos que houvera na igreja de Colossos, que Paulo repreendera com veemência (*Colossenses 2.18-19*). A reação do anjo, não permitindo que ele fizesse aquilo, denota bem o seu zelo.

Ele informou a João que era seu conservo, bem como dos seus irmãos, que mantinham o testemunho de Jesus, e disse que deveriam adorar a Deus.

O anjo acrescentou, então, uma informação digna de registro: é que o testemunho de Jesus é o espírito de profecia. Os teólogos de modo geral dizem que esta frase pode ter dois significados: 1) o testemunho do plano de redenção só é efetivo se feito pelo espírito de profecia; 2) o verdadeiro testemunho só pode ser dado pelo espírito de profecia. Embora ambas estas declarações estejam corretas, a conexão desta frase com a anterior sugere que o anjo esteja dizendo que a prova dele ser conservo é de que ele profetizara a sua bem-aventurança pelo mesmo Espírito que levava João e seus irmãos a darem testemunho de Jesus.

A Volta de Cristo

Apocalipse 19:11-21 nos narra, finalmente, a volta de Cristo e a Sua vitória sobre o trono da Besta. Trata-se do Grande Dia do Senhor, pelo qual toda a criação espera ansiosamente (Romanos 8.19-22). João anunciara, no capítulo anterior, a chegada das Bodas do Cordeiro, que ele não chegou a narrar, mas cuja realização ficou implícita com a volta do Senhor Jesus.

Essa maravilhosa visão principia com o céu aberto, do qual surge um cavalo branco, sobre o qual está assentado um cavaleiro, que não temos qualquer dificuldade para identificar. Seu nome é Fiel e Verdadeiro, já conhecido desde a carta a Laodicéia (*Apocalipse 3.14*), que julga e peleja com justiça. Este é Aquele que manteve todas as Suas promessas, cumprindo todos os aspectos da Aliança que fez com os santos. Nós O conhecíamos como Mediador dessa Aliança, segundo a qual venceu a morte, mas agora João O vê como Aquele que efetivará a implantação do Reino através de uma vitória cabal sobre os inimigos deste Reino, não num ato de vingança, mas de justiça divina.

Os versículos 12 e 13 continuam a descrever os Seus atributos. O fato dele ter olhos como chamas de fogo (*Apocalipse 1.14*) nos fala de Sua capacidade de ver todas as coisas, nada Lhe é oculto. Já os Seus muitos diademas são próprios de Sua ilimitada autoridade, contrastando com um número finito dos mesmos encontrados no dragão e na Besta. O fato de ter um nome que só Ele mesmo conhece é uma forma de descrever a Sua onisciência, ressaltando, ao mesmo tempo, o limitado conhecimento que temos dEle. Por enquanto, diz Paulo, conhecemos em parte, mas um dia conhecê-LO-emos da mesma forma como Ele nos conhece a nós (*I Coríntios 13.12*).

Ele vem vestido com um manto tinto de sangue, ou seja, respingado de sangue, enquanto todas as hostes celestiais que O seguem estão trajadas de linho finíssimo branco e puro (*Apocalipse 19.14*). Há quem interprete esse sangue como sendo o dos inimigos vencidos nas batalhas que Ele trava por nós, mas o fato dEle ferir as nações com a espada de Sua boca (*Apocalipse 19.15*) mostra que a Sua luta é travada pela Palavra e não pela força. É preferível ver aqui, portanto, uma linda figura que sugere que Ele Se dispôs a sujar as Suas vestes

com Seu próprio sangue, para que as nossas pudessem estar impecavelmente brancas.

O Seu outro nome, o Verbo de Deus, está intimamente relacionado com a espada do versículo 15. Esse mesmo Verbo esteve na criação (*Colossenses 1.16* e *Hebreus 1.2*) e o próprio João O apresentara como o Verbo de Deus, quando Se fez carne para executar o plano de Deus para a recriação do homem (*João 1.1-14*). A Palavra Viva de Deus é agora pronunciada, sob forma de juízo, para derrotar os inimigos do Reino. Isso é realizado na medida em que fere as nações e passa a regê-las com cetro de ferro, pisando, assim, pessoalmente, o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso.

Os exércitos celestiais que O acompanham não são identificados neste texto, mas é razoável admitirmos, com base em várias outras citações bíblicas, que se trata tanto de anjos (*Marcos 8.38*, *Lucas 9.26*, *I Tessalonicenses 3.13* e *II Tessalonicenses 1.7*) como dos santos que já estão na glória (*Zacarias 14.5*, *I Tessalonicenses 4.14* e *Apocalipse 17.14*).

Encerrando os versículos de identificação, João percebe escrito, no Seu manto e na Sua coxa, mais um nome, qual seja: Rei dos reis e Senhor dos senhores. Ele não deixou qualquer margem para dúvida com relação a Quem seja este personagem!

O texto de *Apocalipse 19.17-19* tem como pano de fundo um apelo similar às aves do céu, que encontramos em *Ezequiel 39.17-20*. Elas são convidadas a se reunir para a grande ceia de Deus, na qual comerão as carnes de todos os que apoiaram a Besta na chamada guerra do Armagedom, onde esta se congregou, aos reis da terra e seus exércitos, para lutar contra o Cristo e Seu exército. Esta batalha, que fora anunciada quando do derramar da 6ª taça (*Apocalipse 16.12-16*), tem agora o seu cumprimento.

Curiosamente, contudo, João não narra a batalha em questão, mas se limita a constatar que a Besta e o falso profeta são aprisionados e jogados vivos dentro do lago de fogo, que arde com enxofre (*Apocalipse 19.20*), o qual nós identificamos com o inferno, lugar de castigo eterno, previsto por Jesus em *Marcos 9.43-46*. O fato dos demais (os reis que apoiaram a Besta e seus exércitos) serem mortos pela espada que saía da boca do Cristo, ou seja, simplesmente pela Sua palavra (*Apocalipse 19.21*), nos mostra um grande desequilíbrio de forças entre as hostes da Besta e o onipotente Rei. Temos aí uma prova prática do que vem a ser essa onipotência.

Apocalipse 20

Versículos 1 a 15

1Vi descer dos céus um anjo que trazia na mão a chave do Abismo e uma grande corrente.

2Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo, Satanás, e o acorrentou por mil anos;

3lançou-o no Abismo, fechou-o e pôs um selo sobre ele, para assim impedi-lo de enganar as nações, até que terminassem os mil anos. Depois disso, é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo.

4Vi tronos em que se assentaram aqueles a quem havia sido dada autoridade para julgar. Vi as almas dos que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus. Eles não tinham adorado a besta nem a sua imagem, e não tinham recebido a sua marca na testa nem nas mãos. Eles ressuscitaram e reinaram com Cristo durante mil anos.

5(O restante dos mortos não voltou a viver até se completarem os mil anos.) Esta é a primeira ressurreição.

6Felizes e santos os que participam da primeira ressurreição! A segunda morte não tem poder sobre eles; serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele durante mil anos.

7Quando terminarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão

8e sairá para enganar as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-las para a batalha. Seu número é como a areia do mar.

9As nações marcharam por toda a superfície da terra e cercaram o acampamento dos santos, a cidade amada; mas um fogo desceu do céu e as devorou.

10Diabo, que as enganava, foi lançado no lago de fogo que arde com enxofre, onde já haviam sido lançados a besta e o falso profeta. Eles serão atormentados dia e noite, para todo o sempre.

11Depois vi um grande trono branco e aquele que nele estava assentado. A terra e o céu fugiram da sua presença, e não se encontrou lugar para eles.

12Vi também os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono, e livros foram abertos. Outro livro foi aberto, o livro da vida. Os mortos foram julgados de acordo com o que tinham feito, segundo o que estava registrado nos livros.

13O mar entregou os mortos que nele havia, e a morte e o Hades entregaram os mortos que neles havia; e cada um foi julgado de acordo com o que tinha feito.

14Então a morte e o Hades foram lançados no lago de fogo. O lago de fogo é a segunda morte.

15Aqueles cujos nomes não foram encontrados no livro da vida foram lançados no lago de fogo.

A exemplo do que já ocorrera anteriormente em relação ao Arrebatamento da Igreja, o capítulo 20 de Apocalipse narra uma série de eventos que incluem o Reino Milenar de Cristo. Este capítulo começa com João vendo descer do céu um grande anjo, trazendo nas mãos a chave do abismo e uma grande corrente, com a qual amarrou a Satanás, que foi jogado neste abismo e trancado pelo período de 1.000 anos, para que não mais enganasse as nações ao longo deste período (*Apocalipse 20.1-3*).

Cabe aqui um comentário em relação à forma de amarrar Satanás. Quando Jesus fala de amarrar o valente em *Mateus 12.29*, subentende-se que Ele está

falando de restringir os seus poderes espirituais. Neste caso não podemos entender isso de forma diferente, mas certamente temos que entender uma restrição bem mais abrangente que aquela mencionada por Jesus. Durante esse período Satanás não tentaria ninguém.

O fato de João mencionar outras nações, acrescenta-nos uma informação relativa à mortandade dos “restantes” mencionados em *Apocalipse 19.21*. Aparentemente não são mortos todos os que tinham recebido o sinal da Besta, mas apenas aqueles que participaram da batalha contra o Cordeiro. Exatamente por isso alguns autores defendem que o juízo mencionado em *Mateus 25.31-46* se dará antes do Milênio, para que entrem no Reino Milenar apenas pessoas convertidas.

O texto de *Apocalipse 20.4-6* tem trazido, também, grande discordância em relação à sua interpretação. A atenção de João se volta para uns tronos que são postos e sobre os quais se assentam pessoas para julgar. Em conexão com isso ele vê pessoas que ressuscitaram na Vinda de Cristo e que vão reinar com Ele por 1.000 anos. Para que possamos entender esse texto de uma forma consistente com o que foi dito anteriormente (capítulos 4, 5, 8, 9 e 10), devemos lembrar que, independente do fato da Igreja ter sido arrebatada ou não antes da Grande Tribulação, temos ao final desta os seguintes grupos com os quais temos que lidar:

- aqueles que foram martirizados por sua fé em Jesus durante a Grande Tribulação (esses seriam membros da Igreja para os pós-tribulacionistas e convertidos martirizados durante a Grande Tribulação para os pré e meso-tribulacionistas);
- aqueles que se converteram nesse mesmo período, mas conseguiram sobreviver;
- o remanescente de Israel que reconheceu Jesus como seu Messias e se converteu;
- a Igreja (apenas para os pós-tribulacionistas).

No Reino Milenar, por outro lado, há apenas dois grupos:

- a Igreja, já com corpos espirituais, reinando com Cristo sobre Israel;
- o remanescente de Israel, mais os convertidos vivos dentre os gentios, que também farão parte do Reino Milenar, todos mortais ainda com corpos físicos.

Os tronos de juízo que João viu têm um paralelo em *Daniel 7.9-10, 22* que tanto pode referir-se a um juízo pré-milenar ou ao Juízo Final. Caso aceitemos que o juízo das nações, de Mateus, se dê aqui, fica resolvida a condenação de todos os não crentes antes da instauração do Reino Milenar; portanto, tudo indica que esse juízo efetivamente se realiza aqui.

Ainda no versículo 4, João nos informa que viu as almas daqueles que haviam sido decapitados devido a seu testemunho relativo a Jesus e em prol da Palavra de Deus. Estes tampouco haviam adorado a Besta ou a sua imagem, não tendo

recebido, ainda, a sua marca. Uma interpretação literal desse texto parece favorecer os pontos de vista pré ou meso-tribulacionistas, já que limita essa 1ª ressurreição àqueles que foram martirizados durante a Grande Tribulação. Como a 2ª ressurreição está reservada para aqueles sobre os quais tem poder a 2ª morte (versículo 6), segue que a Igreja já teria sido arrebatada antes. À alternativa pós-tribulacionista resta argumentar que João só reparou nestes, mas que todo o restante da Igreja estava lá, porque afinal esta é a primeira ressurreição, eliminando qualquer possibilidade de que tenha havido uma anterior para arrebatá-la. Prá variar, ambos os lados da discussão têm bons argumentos para a defesa de suas posições. Independente do posicionamento em relação ao arrebatamento, este grupo reinará com Cristo (versículo 6), pelo que se subentende que todos serão transformados e receberão corpos glorificados.

Com relação a Israel, também não há qualquer dúvida. O remanescente será salvo e entrará no Milênio em carne e osso, ao passo que 2/3 de Israel, os que não reconhecem o Messias Jesus, serão mortos na Batalha de Armagedom (*Zacarias 13.8-9*).

A única dúvida diz respeito ao grupo de gentios crentes que se juntará ao Israel remanescente em carne e osso. Se adotarmos o ponto de vista pré ou meso-tribulacionista, estes serão os convertidos do período da Grande Tribulação, mas no pós-tribulacionismo eles são pessoas convertidas após o arrebatamento e, portanto, somos obrigados a admitir que há conversão pós-arrebatamento, não apenas para os israelitas, mas também para os gentios.

Devemos ressaltar, ainda, que Paulo não se preocupa, em nenhuma de suas epístolas, com a ressurreição dos ímpios. Assim sendo, a idéia de uma 2ª ressurreição após o Milênio, apenas para os não salvos, conforme sugere *Apocalipse 20:5*, não conflita com qualquer outro texto bíblico.

O versículo 6, que apresenta uma bem-aventurança sobre os participantes nesta 1ª ressurreição, acrescenta que sobre estes não tem poder a 2ª morte. Embora o texto não mencione a 1ª morte, fica implícito que se trata da morte física, pelo que a 2ª seria a espiritual, aplicável a todos os que não ressuscitaram com a vinda de Cristo.

Entre os versículos 6 e 7 decorre o milênio anunciado, não havendo, por parte de João, qualquer descrição do mesmo. O texto de *Apocalipse 20.7-10* passa a falar de um curto tempo (*Apocalipse 20.3b*), durante o qual Satanás será libertado para, novamente, conduzir uma rebelião contra Deus.

Talvez pudéssemos nos perguntar pela finalidade disso. Por que é que, tendo Deus vencido e removido o mal, Ele, agora, permitiria que começasse tudo de novo, com o Diabo fazendo aquilo que sempre fez: ensejar rebelião? A resposta a essa pergunta talvez nos seja dada por Paulo em *Romanos 3.9-20*, onde ele aborda a questão da justiça de Deus ao condenar o pecado. Durante o Milênio, o pouco que vimos permite admitir que o mundo, sob o governo dos santos, viverá um período de paz e prosperidade. Através desse bem-estar, Deus

permite que fique claro que o pecado não provém de circunstâncias adversas e, sim, da rebelião inata do homem contra Deus. Tão logo Satanás é solto ele consegue, sem qualquer dificuldade, arrebanhar adeptos para um assalto final ao trono do Cordeiro. É ressaltado, aqui, que ele consegue arrebanhar, desta feita, todas as nações que há nos quatro cantos da terra.

O ataque objeto desta rebelião não chega a se concretizar porque Deus consome os ímpios com fogo dos céus, mas o aparente objetivo de Deus, que é de mostrar a inexcusabilidade do homem (*Romanos 1:20b*), é alcançado.

Encerrando o Seu juízo contra Satanás, Deus o lança no mesmo lago de fogo e enxofre em que se encontram a Besta e o falso profeta, que, aliás, foi preparado para ele mesmo. Com isso fica extirpado todo o mal, abrindo o caminho para a criação de novos céus e nova terra, onde reinará a justiça.

Finalmente tem lugar, então, o juízo de Deus sobre aqueles que não participaram da 1ª ressurreição e sobre os quais tem autoridade a 2ª morte, a ser pronunciada neste evento (*Apocalipse 20.11-15*). João nos informa que viu um grande trono branco, sobre o qual Se assenta alguém, que é motivo de temor e tremor para todos. Normalmente no Apocalipse é Deus Pai que Se assenta no trono, mas o Novo Testamento também apresenta Jesus como juiz em Sua 2ª vinda (*II Timóteo 4.8*), especificamente associado “àquele dia”. Não há dúvida de que é Deus que está sentado no trono, mas realmente não fica claro se é o Pai, o Filho ou ambos. A menção posterior do trono de Deus e do Cordeiro em *Apocalipse 22.1 e 3* reforça esta última hipótese.

Em pé diante deste trono foram achados todos os viventes, para o julgamento dos quais foram abertos livros, cujo conteúdo, conforme sugerido pelo contexto, é o registro de todos os atos de cada indivíduo. Foi aberto, ainda, um outro livro que é o livro da vida, mencionado em alguns outros lugares do Novo Testamento (*Lucas 10.20, Filipenses 4.3, Apocalipse 3.5, 13.8 e 21.27*).

Não foi mencionada a 2ª ressurreição, mas esta fica, igualmente, implícita na medida em que a morte restitui todas as vidas que havia ceifado. Os versículos 13 e 14 poderiam nos dar a impressão de que se encontram diante do trono apenas aqueles que não participaram desta última ressurreição, mas um paralelo com o juízo narrado por Jesus (*Mateus 25.31-46*) nos mostra que estão presentes, embora de lados distintos, tanto a Igreja, à Sua direita, como os recém-ressuscitados, à Sua esquerda. Isto fica claro no versículo 15, onde consta que foram lançados no lago de fogo todos os que não estavam inscritos no livro da vida. Não obstante a omissão, está óbvio que foram destinados ao novo céu e nova terra aqueles cujos nomes ali constavam.

O fato da morte e do hades serem lançados, igualmente, no lago de fogo (*Apocalipse 20.14*), atesta a vitória do nosso Senhor Jesus Cristo sobre o último inimigo: a morte (*I Coríntios 15.26*). Está aberto agora o caminho para o estabelecimento de uma nova ordem, nos termos daquela que fora concebida no Éden, diferente daquela, contudo, porque esta é feita para pessoas que

conscientemente optaram por servir a Deus. Este é e sempre foi o plano último de Deus. Aleluia!

Apocalipse 21

Versículos 1 a 27

1Então vi novos céus e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham passado; e o mar já não existia.

2Vi a Cidade Santa, a nova Jerusalém, que descia dos céus, da parte de Deus, preparada como uma noiva adornada para o seu marido.

3Ouvi uma forte voz que vinha do trono e dizia: "Agora o tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos; o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus.

4Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou".

5Aquele que estava assentado no trono disse: "Estou fazendo novas todas as coisas!" E acrescentou: "Escreva isto, pois estas palavras são verdadeiras e dignas de confiança".

6Disse-me ainda: "Está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. A quem tiver sede, darei de beber gratuitamente da fonte da água da vida.

7O vencedor herdará tudo isto, e eu serei seu Deus, e ele será meu filho.

8Mas os covardes, os incrédulos, os depravados, os assassinos, os que cometem imoralidade sexual, os que praticam feitiçaria, os idólatras e todos os mentirosos - o lugar deles será no lago de fogo que arde com enxofre. Esta é a segunda morte".

9Um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das últimas sete pragas aproximou-se e me disse: "Venha, eu mostrarei a você a noiva, a esposa do Cordeiro".

10Ele me levou no Espírito a um grande e alto monte e mostrou-me a Cidade Santa, Jerusalém, que descia dos céus, da parte de Deus.

11Ela resplandecia com a glória de Deus, e o seu brilho era como o de uma joia muito preciosa, como jaspe, clara como cristal.

12Tinha um grande e alto muro com doze portas e doze anjos junto às portas. Nas portas estavam escritos os nomes das doze tribos de Israel.

13Havia três portas ao oriente, três ao norte, três ao sul e três ao ocidente.

14O muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles estavam os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro.

15O anjo que falava comigo tinha como medida uma vara feita de ouro, para medir a cidade, suas portas e seus muros.

16A cidade era quadrangular, de comprimento e largura iguais. Ele mediu a cidade com a vara; tinha dois mil e duzentos quilômetros de comprimento; a largura e a altura eram iguais ao comprimento.

17Ele mediu o muro, e deu sessenta e cinco metros de espessura, segundo a medida humana que o anjo estava usando.

18O muro era feito de jaspe e a cidade era de ouro puro, semelhante ao vidro puro.

19Os fundamentos dos muros da cidade eram ornamentados com toda sorte de pedras preciosas. O primeiro fundamento era ornamentado com jaspe; o segundo com safira; o terceiro com calcedônia; o quarto com esmeralda;

20O quinto com sardônio; o sexto com sárdio; o sétimo com crisólito; o oitavo com berilo; o nono com topázio; o décimo com crisópraso; o décimo primeiro com jacinto; e o décimo segundo com ametista.

21As doze portas eram doze pérolas, cada porta feita de uma única pérola. A rua principal da cidade era de ouro puro, como vidro transparente.

22Não vi templo algum na cidade, pois o Senhor Deus todo-poderoso e o Cordeiro são o seu templo.

23A cidade não precisa de sol nem de lua para brilharem sobre ela, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua candeia.

24As nações andarão em sua luz, e os reis da terra lhe trarão a sua glória.

25Suas portas jamais se fecharão de dia, pois ali não haverá noite.

26A glória e a honra das nações lhe serão trazidas.

27Nela jamais entrará algo impuro, nem ninguém que pratique o que é vergonhoso ou enganoso, mas unicamente aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida do Cordeiro.

O Novo Céu e a Nova Terra

No Antigo Testamento a idéia de céu como um novo jardim do Éden, tal como no texto de *Isaías 66*, citado acima, é bastante comum. Já chegando ao Novo Testamento, o autor de Hebreus nos fala da Jerusalém celestial como o lugar dos espíritos dos justos aperfeiçoados (*Hebreus 12.22-23*) e as referências de Jesus ao céu nos passam a idéia de um lugar espiritual, onde coisas como o casamento, por exemplo, não têm lugar (*Marcos 12.24-25*). Nossa ideia de um novo Éden fica, então, prejudicada, visto que ali o próprio Deus reconheceu que o homem precisava de uma companheira (*Gênesis 2.18*).

Quando chegamos, contudo, à descrição de João, ele parece ressuscitar a ideia do novo Éden. Ele nos passa a impressão de uma nova ordem material e visível, substituindo aquela que ficou comprometida pela decadência resultante do pecado (*Romanos 8.19-22*). Ele começa a sua descrição dizendo que o 1º céu e a 1ª terra passaram e que o mar já não existe (*Apocalipse 21.1*). Quando pensamos que o mar ocupa a grande parte da face do nosso planeta, entendemos que esta observação de João ressalta o quão diferentes são o antigo e o novo sistema.

No momento em que pensamos que ele vai entrar em maiores detalhes sobre estes novos Céu e Terra, sua atenção se desvia para a Nova Jerusalém descendo do céu da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo (*Apocalipse 21.2*). Já mencionamos acima a referência de *Hebreus 12.22-23*, que apresenta a Nova Jerusalém como cidade do Deus Vivo, onde residem incontáveis hostes celestiais e também a Igreja. Agora vemos a cidade celestial se fundindo com a nova ordem terrena e percebemos que João não mudou de assunto, mas que o Novo Céu e a Nova Terra serão, na realidade, uma coisa só.

Isso fica mais claro quando vem uma voz do trono para reafirmar a morada eterna de Deus com os homens, numa coexistência sem dor nem morte. O próprio Deus acrescenta, então, que aquela promessa é fiel e verdadeira e que Ele, Alfa e Ômega, daria graciosamente, a quem tem sede, a beber da fonte da Água da Vida. Neste instante Ele reafirma, ainda, uma promessa feita reiteradas vezes no Velho Testamento (*Jeremias 31.33*), e que caracteriza bem a Sua intenção: ser Deus daquele que Lhe for por filho (*Apocalipse 21.3-7*).

Feitas tão ricas promessas, Deus lembra, contudo, que elas são limitadas aos vencedores, ou seja, àqueles que perseveraram em seguir a Jesus. Quanto aos covardes (os que O negaram), aos incrédulos (os que não creram no Senhor Jesus), aos abomináveis (aqueles que se contaminaram com as abominações do mundo), aos assassinos, aos sexualmente impuros, aos que praticam feitiçaria de qualquer natureza, aos idólatras (aqueles cujo Deus não é o Senhor) e aos mentirosos, a estes está reservado o lago de fogo e enxofre.

O restante do capítulo 21 e o início do capítulo 22 contêm uma descrição da nova Jerusalém, conforme mostrada a João por um dos anjos que continham as sete taças da ira. É interessante que este diz a João que Lhe mostrará a noiva, a esposa do Cordeiro, para, então, passar a mostrar a cidade celeste. Ficamos nós a imaginar qual seria a relação entre a Nova Jerusalém e a Igreja. Talvez possamos inferir que Deus Pai preparou para o Seu Filho a noiva segundo o Seu coração e que a referência a ela se confunde com a sua moradia.

A descrição em questão nos lembra alguma coisa do templo descrito por Ezequiel nos últimos nove capítulos do livro que recebe o seu nome. Em ambos os casos a glória do Senhor enchia o templo (*Ezequiel 43.5 - Apocalipse 21.11*) e nas doze portas encontramos escritos os nomes dos doze filhos de Israel (*Ezequiel 48.30-35 - Apocalipse 21.12*).

O fato do muro da cidade ter doze fundamentos, cada um deles com o nome de um dos apóstolos do Senhor (*Apocalipse 21.14*), nos faz lembrar da Igreja de Jesus Cristo que, segundo Paulo, também é edificada sobre o fundamento dos apóstolos (*Efésios 2.20*).

A associação dos doze filhos de Israel com os doze apóstolos do Senhor sugere que se trata de uma Igreja que engloba as duas dispensações. Assim sendo, são participantes desta Igreja os crentes do Velho e do Novo Testamentos.

As dimensões da cidade, um cubo com 2.200km de lado, e os materiais de construção descritos (ouro transparente, por exemplo), tornam a Nova Jerusalém diferente de qualquer outra cidade que conhecemos (*Apocalipse 21.15-21*). Não cabe aqui especular a respeito de eventuais simbolismos escondidos nesta descrição. Podemos apenas dizer que João estava extasiado pela glória da cidade que viu e fez o melhor possível para descrevê-la com o seu vocabulário limitado.

Nesta cidade chamou a atenção de João não haver santuário, porque o próprio Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro estavam presentes. Nem tampouco havia

necessidade de qualquer tipo de iluminação, porque a glória do Senhor a iluminava totalmente (*Apocalipse 21.22-23*).

O capítulo 21 termina falando da segurança e da pureza da Nova Jerusalém (*Apocalipse 21.24-27*), lembrando, mais uma vez, que nela não entrarão senão aqueles que estão inscritos no Livro da Vida do Cordeiro.

Apocalipse 22

Versículos 1 a 21

1Então o anjo me mostrou o rio da água da vida que, claro como cristal, fluía do trono de Deus e do Cordeiro,

2no meio da rua principal da cidade. De cada lado do rio estava a árvore da vida, que frutifica doze vezes por ano, uma por mês. As folhas da árvore servem para a cura das nações.

3Já não haverá maldição nenhuma. O trono de Deus e do Cordeiro estará na cidade, e os seus servos o servirão.

4Eles verão a sua face, e o seu nome estará na testa deles.

5Não haverá mais noite. Eles não precisarão de luz de candeia nem da luz do sol, pois o Senhor Deus os iluminará; e eles reinarão para todo o sempre.

6O anjo me disse: "Estas palavras são dignas de confiança e verdadeiras. O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou o seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que em breve vão acontecer."

7"Eis que venho em breve! Feliz é aquele que guarda as palavras da profecia deste livro".

8Eu, João, sou aquele que ouviu e viu estas coisas. Tendo-as ouvido e visto, caí aos pés do anjo que me mostrou tudo aquilo, para adorá-lo.

9Mas ele me disse: "Não faça isso! Sou servo como você e seus irmãos, os profetas, e como os que guardam as palavras deste livro. Adore a Deus!"

10Então me disse: "Não sele as palavras da profecia deste livro, pois o tempo está próximo."

11Continue o injusto a praticar injustiça; continue o imundo na imundícia; continue o justo a praticar justiça; e continue o santo a santificar-se".

12"Eis que venho em breve! A minha recompensa está comigo, e eu retribuirei a cada um de acordo com o que fez."

13Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim.

14"Felizes os que lavam as suas vestes, e assim têm direito à árvore da vida e podem entrar na cidade pelas portas."

15Fora ficam os cães, os que praticam feitiçaria, os que cometem imoralidades sexuais, os assassinos, os idólatras e todos os que amam e praticam a mentira.

16"Eu, Jesus, enviei o meu anjo para dar a vocês este testemunho concernente às igrejas. Eu sou a Raiz e o Descendente de Davi, e a resplandecente Estrela da Manhã."

17O Espírito e a noiva dizem: "Vem!" E todo aquele que ouvir diga: "Vem!" Quem tiver sede venha; e quem quiser beba de graça da água da vida.

18 Declaro a todos os que ouvem as palavras da profecia deste livro: Se alguém lhe acrescentar algo, Deus lhe acrescentará as pragas descritas neste livro.

19 Se alguém tirar alguma palavra deste livro de profecia, Deus tirará dele a sua parte na árvore da vida e na cidade santa, que são descritas neste livro.

20 Aquele que dá testemunho destas coisas diz: "Sim, venho em breve!" Amém. Vem, Senhor Jesus!

21 A graça do Senhor Jesus seja com todos. Amém.

Continuando o "tour" pela cidade, o anjo mostrou a João o rio da Água da Vida, cujas águas brotam do trono de Deus e do Cordeiro (*Apocalipse 22.1*). Este rio nos lembra aquele citado pelo salmista, cujas águas alegram a cidade de Deus, que é o santuário da morada do Altíssimo (*Salmos 46.4*). Não há dúvida de que esta é, também, a fonte de Água Viva que brota para a vida eterna, da qual falou o próprio Jesus (*João 4.14*).

Curiosamente, depois de estar sumido desde *Gênesis 3.22*, eis que surge novamente a Árvore da Vida, regada pelas águas que saem do trono (*Apocalipse 22.2*). Ali no *Gênesis* o homem havia sido privado dela para que não vivesse eternamente em sua condição de pecado. Agora, mais uma vez, ela é franqueada ao povo de Deus, que dela se nutrirá eternamente.

Culminando essa descrição da cidade, o anjo informa que os servos do Senhor ali O servirão e verão a Sua face. Aquilo que foi vedado a Moisés (*Êxodo 33.20*) e a Paulo (*ICoríntios 13.12*), será franqueado a todos quantos estivermos ali na Nova Jerusalém, reinando com Ele pelos séculos dos séculos (*Apocalipse 22.3-5*).

Terminada a descrição da Jerusalém celeste, o anjo assegura a João que estas palavras são fiéis e verdadeiras, pois procedem do Senhor, o Deus dos espíritos e dos profetas, que enviou o Seu anjo para mostrar aos Seus servos as coisas que em breve hão de acontecer. O anjo repetiu, então, palavras de Jesus, dizendo: "Eis que venho sem demora. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras das profecias deste livro" (*Apocalipse 22.6-7*).

Talvez isto tenha confundido João, pois ele, mais uma vez, se pôs de joelhos com a intenção de adorar o anjo. A exemplo do que ocorrera em *Apocalipse 19:10*, o anjo o impediu, dizendo-se conserve seu e daqueles que guardam as profecias daquele livro (*Apocalipse 22.8-9*).

O anjo continuou dizendo, ainda, que ele não deveria selar as palavras daquela profecia, pois o tempo estava próximo (*Apocalipse 22.10*). Esta ordem contrasta com aquela recebida por Daniel, segundo a qual deveria selar as suas profecias até o tempo do fim, quando a ciência se multiplicaria (*Daniel 12.4*). As palavras ditas a João eram e sempre foram atuais. É claro que havia e há uma parte escatológica, que vemos, ainda, no futuro, mas a exortação de vigilância com relação às astutas ciladas do inimigo valem hoje como valeram para a Igreja dos tempos apostólicos.

O texto de *Apocalipse 22.11-17* parece ter uma mudança de orador. A impressão que temos é que o próprio Senhor Jesus dá as palavras de encerramento. O

versículo 11 pode parecer externar desinteresse pela causa do pecador, mas veremos, através do apelo feito adiante, que esse não é o caso. Uma interpretação livre deste versículo ressalta a necessidade dos santos seguirem o caminho da santificação contínua, não obstante o mundo continuar em sua pecaminosidade. É preciso que não esqueçamos que Ele vem sem demora e que de nossa santificação depende o galardão que Ele traz consigo, pois Ele é onisciente (*Apocalipse 22.12-13*).

Mais uma vez o texto define, de forma clara, quem terá acesso à Árvore da Vida e quem não. Tê-la-ão os que tiveram lavadas as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, ao passo que os demais ficam de fora (*Apocalipse 22.14-15*).

Jesus, então, Se identifica como Aquele que enviou o Seu anjo para testificar às igrejas aquelas coisas. Ele é a Raiz e a Geração de Davi. Ele é a brilhante Estrela da Manhã (*Apocalipse 22.16*).

As últimas palavras de Jesus lembram que tanto o Espírito Santo como a noiva, ou seja, a Igreja, continuam a apelar para que as pessoas venham. A todo aquele que tem sede continua franqueado o convite para que venha e beba de graça da Água da Vida (*Apocalipse 22.17*).

João encerra sua profecia com uma advertência àqueles que ouvem as palavras da profecia deste livro, para que não tentem corromper a mensagem de urgência de arrependimento e vigilância contida no mesmo, pois Jesus Cristo volta sem demora (*Apocalipse 22.18-20*).

Sua saudação final é a mesma com que encerramos este capítulo: “**Que a graça do Senhor Jesus seja com todos!**”

Considerações a Respeito do Arrebatamento da Igreja

Ao longo de todo o texto sobre o Apocalipse fizemos distinção entre o arrebatamento pré, meso e pós tribulacional, sem, contudo, fazer qualquer juízo a respeito. Obviamente eu tenho uma opinião própria a respeito e gostaria de expressá-la, mas cabe aqui fazer antes algumas considerações a respeito.

Há um grande número de textos bíblicos que falam a respeito da 2ª Vinda de Jesus Cristo. Mesmo os pré-tribulacionistas reconhecem que não há um único que fale disso ocorrendo em duas etapas (/81/, pág. 9). Não obstante esse fato, eles consideram que a volta do Senhor em duas etapas é “claramente” estabelecida, comparando os principais textos que tratam do assunto, mostrando que se permitem diferenciar pela forma como descrevem sequências conflitantes, caso o evento fosse único, ao passo que se harmonizam ao admitir a volta em duas etapas.

É lícito dizer que alguns autores pré-tribulacionistas da atualidade têm contribuído fortemente para os estudos nessa área, dentre os quais o mais destacado é Tim LaHaye, que inclusive fundou um centro de pesquisa sobre o assunto (Pre-Trib Research Center). Além disso, fez grande divulgação de suas

pesquisas, não só através de livros para a Igreja (/71/, /78/ e /84/), mas, principalmente, através de uma série do gênero ficção religiosa, que vendeu milhões de cópias e que no Brasil ficou conhecido pelo nome dado ao primeiro volume: “Deixados para Trás” /85/. Assim sendo, a base para a apresentação feita a seguir foi extraída de LaHaye, T. & Ice, T. /71/, embora muitos outros autores tenham sido consultados.

La Haye e Ice apresentam (/71/, pág. 111) uma série de versículos divididos em dois grupos: um que eles supõem estar se referindo ao arrebatamento e outro em que a referência seria à “volta gloriosa” ou à “manifestação gloriosa” (nomes pelos quais eles se referem à 2ª vinda de Jesus Cristo), com base nos quais chegaram a uma lista de 15 diferenças entre os dois grupos de textos. As diferenças em apreço são apresentadas a seguir:

ARREBATAMENTO	2ª VINDA
1) Cristo vem no ar para buscar a Igreja	1) Cristo retorna com os Seus à Terra
2) toda a Igreja é arrebatada	2) não há arrebatamento
3) cristãos são conduzidos à casa do Pai	3) santos ressurretos não veem a casa do Pai
4) nenhum julgamento realizado na Terra	4) Cristo julga os habitantes da Terra
5) a Igreja é levada para o céu	5) Cristo estabelece Seu reino na Terra
6) o retorno de Jesus é iminente	6) só ocorre após os 7 anos do Anticristo
7) não há sinais no céu	7) há muitos sinais no céu
8) é um evento realizado apenas para crentes	8) é um evento que afeta toda a humanidade
9) tempo de alegria	9) tempo de choro
10) ocorrência anterior ao “Dia da Ira” (tribulação)	10) ocorrência após o período de tribulação
11) Satanás não é mencionado	11) Satanás é preso por 1.000 anos
12) tem lugar o julgamento dos crentes (Bema)	12) nenhuma menção do julgamento de crentes
13) bodas do Cordeiro	13) a noiva retorna com Cristo

14) só a Igreja vê Jesus	14) todo olho O verá
15) tem início a tribulação	15) tem início o Reino Milenar

O que gostaríamos de fazer a seguir é verificar, com base na lista de textos relativos ao arrebatamento pré-tribulacional apresentados por La Haye e Ice /71/, se os pontos estabelecidos acima são obtidos por omissão ou se realmente há menção de eventos contraditórios. Não faremos menção do arrebatamento meso-tribulacional, porque normalmente pode ser associado ao pré-tribulacional, salvo nos casos em que isso não ocorrer.

Textos que falam do arrebatamento pré-tribulacional segundo La Haye e Ice /71/:

- *João 14:1-3*: “Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em Mim. Na casa de Meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, Eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E quando Eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também.”

Este texto fala da existência de mansões na casa do Pai, onde Jesus prepararia lugar para os que nEle crêem, os quais viria posteriormente buscar. Não fala de tempo nem circunstâncias. Assim sendo, se aplicaria perfeitamente às duas situações (voltas pré ou pós-tribulacionistas de Jesus).

- Romanos 8:19: “Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus.”

Este texto fala da expectativa da criação pela manifestação dos filhos de Deus, que Paulo coloca num contexto futuro, mas é inconclusivo para esta discussão, podendo se aplicar aos dois eventos.

- I Coríntios 1:7-8: “De maneira que nenhum dom vos falta, esperando a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo, O qual vos confirmará também até ao fim, para serdes irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo.”

Fala da expectativa da revelação de Jesus, quando os coríntios devem ser encontrados sem culpa para o Dia do nosso Senhor. É interessante que se nesse contexto a “manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo” fosse uma referência ao arrebatamento e “o dia de nosso Senhor Jesus Cristo” a volta gloriosa para derrotar o Anticristo, teríamos que nos perguntar se há pecado no céu, pois que outra necessidade haveria de sermos preservados depois do arrebatamento? Caso ambos os termos se refiram ao arrebatamento, então, o texto é mais uma vez inconclusivo e aplicável a qualquer dos dois eventos.

- I Coríntios 15:51-53: “Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados; num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade.”

Paulo fala da transformação dos corpos corruptíveis em incorruptíveis, que ocorrerá num piscar de olhos, após o som da última trombeta. LaHaye e Ice /71/ declaram especificamente que esta última não é a 7ª trombeta da grande tribulação. Não há, contudo, nenhum motivo para que não seja, porque esta trombeta contém os sete flagelos, com os quais finda a grande tribulação. Assim sendo, mais uma vez o texto pode se aplicar tanto a um arrebatamento pré-tribulacional como pós.

- I Coríntios 16:22: “Se alguém não ama ao Senhor Jesus Cristo, seja anátema. Maranata!”

Maranata significa “Vem, Senhor Jesus!”. O fato dele não conter qualquer outra referência o torna totalmente inadequado para a discussão em apreço, pelo que sequer deveria ter sido listado.

- Filipenses 3:20-21: “Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o Seu corpo glorioso, segundo o Seu eficaz poder de sujeitar também a Si todas as coisas.”

Paulo fala de nossa cidadania dos céus, motivo pelo qual ansiamos pela volta de Jesus, que transformará nossos corpos inferiores em outros conformes à Sua glória, quando todas as coisas Lhe estiverem sujeitas. Curiosamente, este versículo, listado como arrebatamento pré-tribulacional, parece reforçar o arrebatamento pós-tribulacional, quando todas as coisas estiverem sujeitas a Jesus.

- Filipenses 4:5: “Seja a vossa equidade notória a todos os homens. Perto está o Senhor.”

De que maneira se poderia concluir que este texto fala de arrebatamento pré-tribulacional eu realmente não sei. A mim me parece inconclusivo, ou seja, aplicável a qualquer dos arrebatamentos mencionados.

- Colossenses 3:4: “Quando Cristo, que é a nossa vida, Se manifestar, então também vós vos manifestareis com Ele em glória.”

Paulo diz que quando Cristo, nossa vida, Se manifestar, também a nossa glória nEle será manifesta. Mais uma vez, contudo, o texto é inconclusivo para o fim a que LaHaye e Ice o destinam. De forma alguma diferencia entre uma ou duas vindas do Senhor Jesus Cristo.

- I Tessalonicenses 1:10: “E esperar dos céus a Seu Filho, a Quem ressuscitou dentre os mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira futura.”

Paulo fala de Jesus, que nos livra da ira vindoura. O fato de Jesus nos livrar da ira vindoura tanto pode significar o arrebatamento antes da tribulação como pode dizer respeito ao fato da ira de Deus não atingir Seus filhos, como no Egito. Sob esse aspecto não é conclusivo e nem expressa contradição. Para mostrar boa vontade, contudo, digamos que é o primeiro versículo deste conjunto que realmente dá margem à interpretação defendida por um pré-tribulacionista convicto, qual seja, que a igreja não passará pela grande tribulação.

- I Tessalonicenses 2:19: “Porque, qual é a nossa esperança, ou gozo, ou coroa de glória? Porventura não o sois vós também diante de nosso Senhor Jesus Cristo em sua vinda?”

Dentro da ótica pré-tribulacionista de que o juízo de galardões se dá no céu logo após o arrebatamento, Paulo estaria dizendo aos tessalonicenses que eles são a garantia do sucesso dele neste juízo. Obviamente não é nada disso que um pós-tribulacionista lê no mesmo texto. Para ele trata-se apenas do fato de Paulo se regozijar no fato dos tessalonicenses se manterem fiéis até a vinda do Senhor. Assim sendo, está longe de ser conclusivo para essa discussão.

- I Tessalonicenses 4:13-18: “Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com Ele. Dizemo-vos, pois, isto, pela Palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras.”

Este é um dos principais textos no qual se baseiam os pré-tribulacionistas para estabelecer os argumentos 1 e 2 da tabela fornecida acima; portanto, é importante atentar cuidadosamente para os pontos levantados:

- a) Este texto de Paulo fala que, no arrebatamento, os crentes se encontrarão com Jesus nos ares, ficando com Ele para todo o sempre. Os pre-

tribulacionistas estipulam, sem que o texto o diga, que Jesus e a Igreja retornam a seguir para o céu. Se, contudo, Jesus e a Igreja retornarem a seguir para a Terra e este for o arrebatamento único da Igreja, não há qualquer violação do texto, pelo que este é aplicável também ao arrebatamento pós-tribulacional;

- b) A tabela fornecida acima afirma que não há arrebatamento na segunda vinda de Cristo. Isso estaria de acordo com *Mateus 24.15-31*, um dos textos que LaHaye e Ice afirmam referir-se apenas à volta de Cristo para destruir o Anticristo (ver item 2 da tabela acima). Ocorre, contudo, que *Mateus 24.31* parece retratar exatamente a mesma situação que *I Tessalonicenses 4:16-17*, deixando sem sentido essa declaração;
- c) quaisquer outros pontos referentes à manifestação gloriosa de nosso Senhor, e que porventura não foram abordados aqui, não são motivo suficiente para afirmar que este texto prova o arrebatamento pré-tribulacional. Significa tão somente que foram omitidos.

● *I Tessalonicenses 5:9, 23*: “Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo. E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.”

O versículo 9 parece se referir à ira que leva ao inferno em contraposição à salvação que leva ao céu e não ao arrebatamento antes da grande tribulação, pelo que a contraposição fica sem sentido. O versículo 23 apenas expressa o desejo de Paulo de que os tessalonicenses se mantenham fiéis. Nenhum dos dois expressa qualquer coisa conclusiva para essa discussão.

● *II Tessalonicenses 2:1-3*: “Irmãos, quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e ao nosso reencontro com ele, rogamos a vocês que não se deixem abalar nem alarmar tão facilmente, quer por profecia, quer por palavra, quer por carta supostamente vinda de nós, como se o dia do Senhor já tivesse chegado. Não deixem que ninguém os engane de modo algum. Antes daquele dia virá a apostasia e, então, será revelado o homem do pecado, o filho da perdição.”

É interessante que este texto deveria esclarecer a sequência de eventos que definem a vinda de Jesus, mas, conquanto os termos utilizados e o significado dos mesmos provavelmente fossem claros para os tessalonicenses, infelizmente não o são para a Igreja do século XXI, motivo pelo qual eles abrem uma série de alternativas:

● versículo 1 → diz o seguinte: “Agora irmãos, com relação à vinda do nosso Senhor Jesus Cristo e o nosso encontro com Ele, vos pedimos ...”. Para os pré e meso-tribulacionistas a “vinda de Jesus” em apreço é apenas para arrebatamento da Igreja, que é o “nosso encontro com Ele”. A “volta gloriosa” se daria apenas por ocasião da batalha de Armagedom. Para os pós-tribulacionistas essas duas vindas se confundem;

- versículo 2 → contém o pedido com o qual Paulo finaliza o versículo 1. Trata-se de que eles não se perturbassem pela carta, mensagem ou revelação que receberam em nome dele mesmo, Paulo, segundo a qual o “dia de Cristo” já teria passado. Para os pré e meso-tribulacionistas, Paulo já pregara aos tessalonicenses o arrebatamento da Igreja antes da grande tribulação. Assim sendo, o “dia de Cristo” diria respeito à Sua “volta gloriosa”, que se dará após a grande tribulação. Para os pós-tribulacionistas, mais uma vez a “vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” e o “dia de Cristo” se confundem;
- versículo 3 → mais uma vez a mesma situação ocorre. Paulo diz: “que ninguém vos engane de forma alguma, pois aquele dia não virá sem que a apostasia venha primeiro e o homem do pecado seja revelado, o filho da perdição. Neste versículo “aquele dia” tanto pode se referir à “vinda do nosso Senhor” como ao “dia de Cristo”. Para os pré e meso-tribulacionistas é conveniente que seja referido à “volta gloriosa”, que é a interpretação única também dos pós-tribulacionistas. Já alguns teólogos disputam o sentido da palavra apostasia, que tanto pode significar um desvio da fé ou um desvio físico posicional de toda a Igreja. Neste último caso, seria sinônimo de arrebatamento, condição absolutamente necessária para a interpretação pré-tribulacionista.

Por uma questão de conveniência, as interpretações seriam dadas como a seguir:

- para os pré-tribulacionistas → “Agora irmãos, com relação à vinda do nosso Senhor Jesus Cristo para arrebatá-la Igreja, vos pedimos que não sejais perturbados por revelação, mensagem ou carta, como se fosse nossa, dizendo que a volta gloriosa de Cristo já se deu. Que ninguém vos engane de forma alguma, pois a volta gloriosa não se dará antes que ocorra o arrebatamento e o homem do pecado seja revelado, o filho da perdição”;
- para os meso-tribulacionistas → “Agora irmãos, com relação à vinda do nosso Senhor Jesus Cristo para arrebatá-la Igreja, vos pedimos que não sejais perturbados por revelação, mensagem ou carta, como se fosse nossa, dizendo que o arrebatamento já se deu. Que ninguém vos engane de forma alguma, pois o arrebatamento não se dará antes que ocorra a apostasia (desvio espiritual) e o homem do pecado seja revelado, o filho da perdição”;
- para os pós-tribulacionistas → “Agora irmãos, com relação à vinda do nosso Senhor Jesus Cristo para arrebatá-la Igreja, vos pedimos que não sejais perturbados por revelação, mensagem ou carta, como se fosse nossa, dizendo que Sua volta já se deu. Que ninguém vos engane de forma alguma, pois a volta de Cristo não se dará antes que ocorra a apostasia (desvio espiritual) e o homem do pecado seja revelado, o filho da perdição”.

Fica claro, portanto, que esses 3 versículos esclarecedores podem ser usados para provar qualquer das 3 condições relativas ao arrebatamento, em função de problemas de interpretação.

A “manipulação” de palavras necessárias para viabilizar o ponto de vista pré-tribulacionista faz com que este seja o menos provável, pois exige que a palavra

“apostasia” seja entendida como “arrebatamento”, que, segundo La Haye e Ice (/71/, pág. 38) é a interpretação mais comum no Novo Testamento. É importante ressaltar, contudo, que a maioria dos tradutores bíblicos não concorda com isso. A NVI, por exemplo, usa a palavra “rebelião” para traduzir “apostasia”. Além disso, cabe lembrar que Daniel associa uma “apostasia espiritual” à visão do Anticristo (*Daniel 11:36-37*), definida através de “blasfêmias” pronunciadas contra o Deus dos céus.

- I Timóteo 6:14: “... exorto-te a que guardes este mandamento sem mácula e irrepreensível até a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo;”

Trata-se de um versículo que apenas menciona a Vinda do Senhor Jesus, pelo que é sem sentido dizer que refere-se à Sua vinda prévia para arrebatá-la Igreja.

- II Timóteo 4:1, 8: “Conjuro-te diante de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar os vivos e os mortos, pela Sua vinda e pelo Seu reino; ... Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a Sua vinda.”

Aparentemente LaHaye estaria sugerindo que os vivos e os mortos aqui são apenas os arrebatados. Desta forma o outro versículo, que não está na sequência, seria relativo ao julgamento dos galardões destes. Mesmo que esta interpretação particular seja correta, ainda assim pode se aplicar indistintamente a um arrebatamento pré- ou pós-tribulacionista.

- Tito 2:13: “... aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, ...”

Este texto, segundo La Haye e Ice (/71/, pág. 38), é o que chega mais perto de comprovar a existência das duas vindas de Cristo. La Haye e Ice usaram o termo “bendita esperança” para cunhar o arrebatamento e “manifestação gloriosa” para referir-se à 2ª Vinda propriamente dita. Assim procedendo, conseguiram enxergar os dois eventos num versículo que se refere à volta de Jesus Cristo, a esperança de todos os salvos. Mais uma vez o texto é inconclusivo, na melhor das hipóteses, porque Paulo não parece ter tido essa intenção.

- Hebreus 9:28: “... assim também Cristo, oferecendo-Se uma só vez para levar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que O esperam para salvação.”

Este versículo apenas menciona que Cristo aparecerá a segunda vez para a salvação dos que para tanto O esperam, pelo que é inconclusivo para a comparação feita.

- Tiago 5:7-9: “Portanto, irmãos, sede pacientes até a vinda do Senhor. Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba as primeiras e as últimas chuvas. Sede vós também pacientes; fortalecei os vossos corações, porque a vinda do Senhor está próxima. Não vos queixeis, irmãos, uns dos outros, para que não sejais julgados. Eis que o juiz está à porta.”

Este texto diz apenas que devemos esperar pacientemente a Vinda do Senhor, que não há de tardar. Outra vez é inconclusivo para a comparação feita.

- I Pedro 1:7, 13: “... para que a prova da vossa fé, mais preciosa do que o ouro que perece, embora provado pelo fogo, redunde para louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo; portanto, cingindo os lombos do vosso entendimento, sede sóbrios, e esperai inteiramente na graça que se vos oferece na revelação de Jesus Cristo.”

Ambos os versículos apenas mencionam a revelação do Senhor Jesus e estimulam os destinatários da carta no sentido de que se mantenham fiéis. Mais que isso não pode ser extraído do texto.

- I Pedro 5:4: “E, quando Se manifestar o Sumo Pastor, receberéis a imarcescível coroa da glória.”

Este versículo fala da coroa de glória a ser recebida do Supremo Pastor quando Este Se manifestar. Aplica-se a ambos os pontos de vista, mas é inconclusivo para defender um arrebatamento pré-tribulacionista.

- I João 2:28-3:2: “E agora, filhinhos, permaneçai nEle; para que, quando Ele Se manifestar, tenhamos confiança, e não fiquemos confundidos diante dEle na Sua vinda. Se sabeis que Ele é justo, sabeis que todo aquele que pratica a justiça é nascido dEle. Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Vede que grande amor nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus; e nós o somos. Por isso o mundo não nos conhece; porque não conheceu a Ele. Mas sabemos que, quando Ele Se manifestar, seremos semelhantes a Ele; porque assim como é, O veremos.”

Este texto é similar ao anterior e, mais uma vez, não exclui qualquer dos dois pontos de vista, pelo que é, mais uma vez, inconclusivo.

- Judas 1:21: “Conservai-vos no amor de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna.”

Novamente este versículo é apenas um estímulo à fidelidade dos crentes.

- Apocalipse 2:25: “... mas o que tendes, retende-o até que Eu venha.”

Trata-se de uma recomendação do Senhor à Igreja de Tiatira para que retenha firme o que tem, até que Ele volte. É inconclusivo, contudo, para efeito desta avaliação.

É muito importante ressaltar que **nenhum** dos textos avaliados como sendo referentes ao arrebatamento pré-tribulacional somente, segundo La Haye e Ice, mostrou **qualquer** inconsistência que não permitisse usá-lo aplicado ao arrebatamento pós-tribulacional.

O livro de Dave Hunt mencionado acima (“Quanto Tempo nos Resta” /86/) é inteiramente dedicado a mostrar que o arrebatamento pré-tribulacional é o único que harmoniza os textos bíblicos a respeito. Embora seus argumentos sejam, em sua grande maioria, os mesmos apresentados por La Haye e Ice /71/, ele dá ênfase a dois deles de uma forma que vale a pena apresentar:

a) A iminência de Sua volta

Em *Mateus 24:36* Jesus disse a Seus discípulos que Ele mesmo, na condição de Deus encarnado, mas que Se esvaziou de Sua divindade (*Filipenses 2:6-8*), não sabia a data de Sua vinda. Isso era prerrogativa apenas do Pai. Nos versículos seguintes, contudo, e continuando pelo capítulo 25, Ele apresentou vários exemplos da necessidade de estar vigilante, tendo em vista a iminência de Sua volta.

- Dilúvio → o primeiro exemplo foi baseado no dilúvio, onde Ele falou que Sua volta pegaria todos de surpresa. A vida seguirá seu curso normal com pessoas comendo, bebendo e se casando até que um dia, subitamente, Ele voltará, encontrando a humanidade desapercibida, da mesma forma como ocorreu com o dilúvio nos dias de Noé.

- Apenas um é levado → nos versículos 40 e 41 Ele deu dois exemplos de duas pessoas juntas, ora no campo, ora no moinho, e apenas uma é levada. Mais uma vez Ele manda vigiar, pois o dia do Seu retorno é iminente.

Há ainda mais três exemplos similares, que omitiremos aqui por uma questão de concisão, mas cuja intenção é prover a mesma advertência.

O argumento pré-tribulacionista, neste caso, reside no fato de que o arrebatamento pós-tribulacionista é dissociado de qualquer iminência, ou seja, iniciado o período de 7 anos, todos os demais eventos ficam razoavelmente bem definidos. O Anticristo assina um acordo com Israel e várias outras nações, quebra esse acordo 3,5 anos depois, invade Israel e 7 anos após o acordo inicial Jesus retorna. Não há dúvida de que se trata de um bom argumento (/86/, pág. 97).

b) Seu retorno se dá em tempo de paz

O segundo argumento, similar ao anterior, se baseia em *I Tessalonicenses 5:3*: “**Pois que, quando disserem: há paz e segurança; então lhes sobrevirá repentina**

destruição, como as dores de parto àquela que está grávida; e de modo nenhum escaparão”.

Como o retorno de Jesus está previsto no final da batalha de Armagedom (*Zacarias 14:3*), depois que 2/3 de Israel tiver perecido (*Zacarias 13:8*), segue que não se trata de uma época de paz, portanto ninguém diria “paz e segurança”. Mais uma vez é um bom argumento.

Resumindo tudo que foi apresentado, podemos dizer que estes últimos dois argumentos pré-tribulacionistas são interessantes, mas, de forma alguma, suficientes para “bater o martelo” em relação a um arrebatamento separado. Assim sendo, os pontos aqui apresentados não foram suficientemente convincentes para me tornar um pré-tribulacionista, mas me permitiram refletir o suficiente para sair de minha posição de conforto pós-tribulacionista. Além disso, creio de todo o coração que isso, de forma alguma, pode servir de tropeço ao relacionamento que mantenho com meus irmãos pré-tribulacionistas mais ferrenhos.

Concluindo, acredito, sinceramente, que todos deveríamos viver esperando o retorno de Jesus para arrebatá-la Sua Igreja hoje (visão pré-tribulacionista) ou logo após os 3,5 anos de acordo do Anticristo com Israel (visão meso-tribulacionista), mas, ao mesmo tempo, igualmente todos, preparados para sofrer a perseguição do Anticristo, caso Jesus nos venha buscar apenas ao final da grande tribulação (visão pós-tribulacionista). Desta forma estaremos sempre prontos, tanto para a Sua volta, como para o sofrimento que porventura nos advenha.